



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO – CCSB
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA
PORTUGUESA

DANIELE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**ANGLICISMOS E COREANISMOS NA PLATAFORMA X: usos, características
linguísticas e contribuições para uma educação sociolinguística**

SÃO BERNARDO (MA)
2026

DANIELE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**ANGLICISMOS E COREANISMOS NA PLATAFORMA X: usos, características
linguísticas e contribuições para uma educação sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em
Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de
Ciência de São Bernardo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Conceição, Daniele Sousa da.

ANGLICISMOS E COREANISMOS NA PLATAFORMA X : usos, características linguísticas e contribuições para uma educação sociolinguística / Daniele Sousa da Conceição. - 2026.

71 p.

Orientador(a): Thiago de Sousa Amorim.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2026.

1. Estrangeirismo. 2. Plataforma X. 3. Música. 4. Anglicismos. 5. Coreanismos. I. Amorim, Thiago de Sousa. II. Título.

DANIELE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**ANGLICISMOS E COREANISMOS NA PLATAFORMA X: usos, características
linguísticas e contribuições para uma educação sociolinguística**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e
Códigos Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Maranhão, Centro de Ciência de São
Bernardo, como parte dos requisitos para
obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim (UFMA)
Presidente

Prof. Me. Rômulo Silvestre Quaresma Mendes (IFPI)
Avaliador Externo

Profa. Dra. Maria Francisca da Silva (UFMA)
Avaliadora Interna

Dedico esse trabalho a minha família, que me apoiou em todas as etapas da minha vida acadêmica, me estendendo a mão e sendo a razão pela qual luto todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, posso finalmente dizer que encerrei um dos capítulos mais importantes da minha trajetória. É claro que toda a caminhada que fiz até chegar aqui foi acompanhada de um apoio que talvez um simples agradecimento não seja o suficiente para retribuir.

Primeiramente, quero deixar os meus mais sinceros agradecimentos ao meu pai, Antônio Nilson, que fez o possível e o impossível para que eu concluísse a minha vida acadêmica. Ele sempre me colocou em primeiro lugar, abrindo mão de muitas coisas que eram importantes para ele. Serei eternamente grata!

Também quero agradecer a minha mãe, Francisca Maria, que sempre me estendeu a mão nos bons e maus momentos, me ouviu e tentou apagar os medos que me atormentavam durante toda a minha vida, também abriu mão de muitas coisas para me oferecer apoio e seu amor incondicional.

Além disso, quero deixar o meu obrigada a meu irmão, Daniel, que apelidei carinhosamente de “meu mano gêmeo”, sempre me apoiando e estando ao meu lado nos momentos em que mais precisei, me fazendo rir e me incentivando a lutar por tudo aquilo que acredito.

Deixo também meu agradecimento a minha irmã, Gabriele, um ser humano banhado de luz e que sempre me ajudou em tudo o que precisei, quero que saiba que nunca esquecerei todas as vezes em que esteve lá me estendendo a mão.

É claro que não deixarei de mencionar as amigas que a passagem na universidade me presenteou, Franciane e Mirela. Sou muito grata a vocês, pois nunca mediram esforços para me ajudar e estar lá para demonstrar apoio nas minhas conquistas (muitas dessas conquistas eu devo a elas).

Quero agradecer também a minha amiga Vilmara, que, mesmo depois de anos, nunca deixou de me apoiar, mesmo à distância.

E por fim, deixo o meu mais sincero obrigada ao meu professor orientador, Thiago Amorim, um docente que enxergo tantas qualidades e que admiro muito. Sempre tão altruísta, inteligente, caridoso e criterioso. Não teria conseguido concluir esse trabalho sem a ajuda dele.

Ademais, agradeço à banca por ter aceitado o convite e fazer parte dessa etapa final da minha pesquisa, todas as contribuições serão ouvidas com carinho e com a certeza de que elas serão fundamentais para a entrega de um trabalho bem construído e que ofereça uma perspectiva para o ensino de língua portuguesa.

Há muitas pessoas que quero agradecer, por isso, a todas as pessoas que me ajudaram, deixo o meu mais carinhoso “obrigada por seu apoio!”.

RESUMO

Este trabalho versa sobre uma monografia desenvolvida no âmbito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito para conclusão do curso de Linguagens e Códigos: Língua Portuguesa. Selecionamos como tema de investigação a variação linguística presente na plataforma X, tendo como foco os estrangeirismos usados na comunidade da música, especificamente os anglicismos e coreanismos. Apresentamos as perguntas que norteiam esse estudo: 1) Quais estrangeirismos são mais recorrentes nas postagens analisadas da plataforma X?; 2) Quais características linguísticas os estrangeirismos apresentam quanto à sua classificação, ao uso na língua de origem, às estratégias de incorporação ao português e às possíveis mudanças de sentido?; 3) Que processos linguísticos podem ser observados na adaptação e no uso desses estrangeirismos nas postagens da plataforma X?; 4) De que maneira a análise desses estrangeirismos pode subsidiar práticas de ensino de Língua Portuguesa fundamentadas na Sociolinguística Educacional e na valorização da diversidade linguística? O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar os estrangeirismos presentes em postagens publicadas on-line da plataforma X, descrevendo suas características linguísticas e discutindo suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva reflexiva e voltada para a diversidade linguística. Na busca por atingir tal finalidade, destacam-se os objetivos específicos, quais sejam: a) identificar e classificar os anglicismos e os coreanismos presentes em postagens da plataforma X; b) descrever o uso dos estrangeirismos na língua de origem e analisar os sentidos que assumem nas postagens em língua portuguesa; c) analisar as estratégias linguísticas envolvidas na incorporação e no uso dos estrangeirismos; d) refletir sobre as contribuições da análise dos estrangeirismos para o ensino de Língua Portuguesa, à luz da Sociolinguística Educacional. Fundamentamos a pesquisa a partir de Coelho *et al.*, (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Freitag e Lima (2010), Faraco (2005), Biderman (2001) e Alves (2007). Para a análise, adaptamos a metodologia apresentada por Correia e Almeida (2012) no livro *Neologia em Português*. Dessa forma, concluímos que, a maioria dos estrangeirismos presentes na rede social X, no ambiente da música, ocorreram por adaptação lexical direta, no entanto, sofreram mudanças e ampliações semânticas na língua portuguesa. Além disso, também constatamos que, nas palavras importadas, predominaram termos técnicos próprios da indústria musical ou próprios da organização social de um país. Evidenciamos ainda uma maior ocorrência de anglicismos comparados a coreanismos. Por fim, no tópico sobre a contribuição ao ensino, evidenciamos que os estrangeirismos se configuram como recurso pedagógicos autênticos, por meio dos quais é possível realizar um trabalho culturalmente sensível à heterogeneidade linguística.

Palavras-chave: estrangeirismo; plataforma X; música; anglicismos; coreanismos.

RESUMEN

Este trabajo se basa en una monografía desarrollada en la Universidad Federal de Maranhão (UFMA) como requisito para completar el curso Lenguajes y Códigos: Lengua Portuguesa. Seleccionamos como tema de investigación la variación lingüística presente en la plataforma X, centrándonos en las palabras extranjeras utilizadas en la comunidad musical, específicamente anglicismos y coreanismos. Presentamos las preguntas que guían este estudio: 1) ¿Qué préstamos lingüísticos son más recurrentes en las publicaciones analizadas en la plataforma X?; 2) ¿Qué características lingüísticas presentan los préstamos lingüísticos en cuanto a su clasificación, uso en la lengua de origen, estrategias de incorporación al portugués y posibles cambios de significado?; 3) ¿Qué procesos lingüísticos se pueden observar en la adaptación y el uso de estos préstamos lingüísticos en las publicaciones de la plataforma X?; 4) ¿Cómo puede el análisis de estos préstamos lingüísticos apoyar las prácticas de enseñanza del portugués basadas en la sociolingüística educativa y la valoración de la diversidad lingüística? El objetivo general de la investigación es analizar las palabras extranjeras presentes en las publicaciones en línea publicadas en la plataforma X, describiendo sus características lingüísticas y discutiendo sus contribuciones a la enseñanza del portugués, desde una perspectiva reflexiva centrada en la diversidad lingüística. En pos de este objetivo, se destacan los objetivos específicos, a saber: a) identificar y clasificar los anglicismos y coreanismos presentes en las publicaciones en la plataforma X; b) describir el uso de palabras extranjeras en su lengua de origen y analizar los significados que asumen en las publicaciones en portugués; c) analizar las estrategias lingüísticas involucradas en la incorporación y el uso de palabras extranjeras; d) reflexionar sobre las contribuciones del análisis de palabras extranjeras a la enseñanza del portugués, a la luz de la sociolingüística educacional. Basamos nuestra investigación en Coelho *et al.* (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Freitag y Lima (2010), Faraco (2005), Biderman (2001) y Alves (2007). Para el análisis, adaptamos la metodología presentada por Correia y Almeida (2012) en el libro *Neologia em Português*. Así, concluimos que la mayoría de las palabras extranjeras presentes en la red social X, en el ámbito musical, se produjeron mediante adaptación léxica directa; sin embargo, sufrieron cambios y expansiones semánticas en la lengua portuguesa. Además, observamos que, entre las palabras importadas, predominaban los términos técnicos propios de la industria musical o de la organización social de un país. También evidenciamos una mayor frecuencia de anglicismos en comparación con los coreanismos. Finalmente, en la sección sobre la contribución a la enseñanza, destacamos que las palabras extranjeras constituyen auténticos recursos pedagógicos, a través de los cuales es posible realizar un trabajo culturalmente sensible a la heterogeneidad lingüística.

Palabras clave: extranjerismos; plataforma X; música; anglicismos; coreanismos.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2 LÍNGUA, LINGUAGEM E SOCIEDADE	15
2.1 A língua e suas mudanças	16
2.3 Princípios teóricos: a sociolinguística e seu objeto de estudo.....	17
2.2 Contributos da sociolinguística ao ensino de língua portuguesa	21
3 O ESTRANGEIRISMO: produção e uso em sociedade	24
3.1 Estrangeirismo na perspectiva do léxico	25
3.2 Tipos de estrangeirismos e seus processos de incorporação lexical	29
3.3 A plataforma X como espaço de produção: uso e interação linguística.....	31
4 PERCURSO METODOLÓGICO	34
4.1 A importância da pesquisa na formação docente.....	34
4.2 A abordagem da pesquisa	35
4.3 Constituição do <i>corpus</i> e análise dos dados	36
5 ANÁLISES	40
5.1 Análise dos anglicismos e coreanismos em postagens da plataforma X	40
5.2 Resultados e discussões	63
5.3 O estrangeirismo como recurso didático no ensino de língua portuguesa	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	70

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa é uma parte essencial na formação docente do futuro professor. É nela que ele irá pensar as suas práticas pedagógicas, identificar falhas visando melhorá-las. Segundo Pereira (2018, p. 48), é importante a realização da pesquisa em ambientes universitários, faculdades e escolas técnicas como “[...] forma de se buscar respostas para problemas ou se conhecer e entender fenômenos que ocorrem nas diversas áreas do saber.” Nesse sentido, realizar movimentos de pesquisa é ampliar o próprio repertório de conhecimentos, e, por meio deles, moldar as próprias metodologias de ensino.

É de conhecimento dos estudiosos das linguagens que a língua portuguesa surgiu a partir da interação e integração de elementos de várias línguas. Segundo Ilari e Basso (2006, p. 15-18), a língua portuguesa teve suas origens no latim vulgar, que por sua vez passou por um grande processo de formação. Em seu livro, *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*, os autores traçam o processo de formação da língua portuguesa desde o português arcaico, indo para português clássico até chegar no português falado no Brasil, em que se pode observar como a sua transformação envolveu a interação de diferentes línguas e comunidades.

Nos tempos passados, esse processo de integração ocorria por meio de guerras, onde acontecia a dominação territorial e consequentemente a sobreposição da língua dominante na língua dominada, e por meio de negociações comerciais. Atualmente, isso ainda reside. No entanto, ela se instala de maneira mais rápida e efetiva devido às novas formas de comunicação. As conversações on-line possibilitaram uma interação maior da língua portuguesa com outras línguas, principalmente a língua inglesa, que no processo de globalização possui destaque justamente por ser falada por um dos países que mais distribui tecnologias, os EUA (isso não significa que outras línguas também não influenciem a língua portuguesa ou seja influenciado por ela).

Todo esse processo faz surgir expressões estrangeiras na língua portuguesa, e mais precisamente nas interações on-line. O que muito se vem acontecendo, desde que as tecnologias da comunicação passaram a emergir, foi a interação com pessoas de diferentes idiomas. A consequência disso é o estrangeirismo acontecendo com mais frequência e força.

Tendo em vista isso, a temática escolhida para esta pesquisa se refere às questões de variações linguísticas que ocorrem nas interações on-line, tendo como foco o estrangeirismo. O que se busca aqui é uma análise de expressões e gírias de outros idiomas que foram trazidas para a língua portuguesa através da rede social X (antigo *Twitter*). A coleta de dados foi

realizada a partir de postagens on-line publicadas em páginas públicas, focando nas comunidades relacionadas à música.

O *corpus* da análise é construído a partir de postagens publicadas em um período de janeiro a abril de 2026, com o intuito de observar como cada expressão se comporta nas conversações.

A busca por dados tem como foco *posts* (postagens), visto que a rede social é construída majoritariamente por esse viés, e por possuir uma forte interação entre os usuários. O ponto central da análise corresponde a postagens escritas em língua portuguesa que possuem palavras ou expressões estrangeiras, mais precisamente aquelas em língua inglesa e coreana. Entre os estrangeirismos que se destacam nesse ambiente, podemos citar, como exemplo: *old* (nas interações on-line ganha significado de obvio), *gag* (nas interações on-line é usado para expressar choque), *flop* (usado para dizer que um artista ou música não obteve sucesso), *hablar* (é usado para dizer que alguém tem razão sobre algo) e *nugu* (usado de forma pejorativa para se referir a um artista ou grupo como desconhecido e irrelevante pelo público em geral).

No campo educacional, buscar compreender o uso dos estrangeirismos é uma forma de se trabalhar questões de tratamento de variação linguística e preconceito linguístico em sala de aula, sobretudo pensando no contexto dos alunos, já que muitos fazem uso de redes sociais constantemente em seu cotidiano. É uma tarefa que consiste na abordagem da diversidade linguística e no uso da língua, conferindo ao contexto de ensino, uma educação sociolinguística necessária.

Com o crescimento da globalização e o advento de novas tecnologias, ficou muito mais fácil se comunicar e interagir com pessoas de forma on-line, seja por conversas pelo *WhatsApp* seja por comentários no *Instagram*, *TikTok* ou *X* (antigo *Twitter*). Dessa forma, é imprescindível o surgimento de novas expressões, principalmente quando as interações acontecem com pessoas de outros lugares no mundo. Dentre essas novas expressões, surgem palavras de outros idiomas, que é o que se chama de estrangeirismo.

Essas palavras, ao chegarem no Brasil, podem receber mudanças, como, por exemplo, na sua significação, no seu léxico, ou simplesmente manter a sua estrutura original. Por exemplo, o termo *hablar* aqui exemplificado trata-se do verbo *falar* na língua espanhola e foi ressignificado nas interações do *X* para dizer que alguém “mandou a real”. Outro exemplo está nas mudanças estruturais, usemos como exemplo a palavra *twitter*, que nas interações das redes sociais se transforma em verbo e é conjugado: *eu twittei*, *você twittou...* *eles twittaram*. Ou o próprio termo *gag* que de fato significa *choque* na língua inglesa.

Essa ocorrência do estrangeirismo desperta curiosidade e questionamentos acerca de como essas palavras estrangeiras são usadas no contexto digital. Além disso, que tipo de construção de sentido elas podem desenvolver quando integradas na língua portuguesa. Tudo isso pensando na língua enquanto fenômeno social e dinâmico, que muda de acordo com as transformações histórico-culturais de cada época. Diante disso, torna-se relevante investigar as questões linguísticas que permeiam os estrangeirismos, principalmente quando se quer compreender as manifestações de variação linguística na contemporaneidade.

Pensar essa prática de pesquisa é um caminho para se compreender a língua como algo vivo e que sofre mudanças em contato com outros idiomas. As indagações que buscam ser explicadas se voltam em como essa influência idiomática ocorre na rede digital, especialmente quando falamos nas áreas de estudo da língua portuguesa, em que muitas pesquisas tentam explicar as questões que envolvem a língua. Assim, particularizamos as questões que norteiam esta pesquisa:

- 1) Quais estrangeirismos são mais recorrentes nas postagens analisadas da plataforma X?
- 2) Quais características linguísticas os estrangeirismos apresentam quanto à sua classificação, ao uso na língua de origem, às estratégias de incorporação ao português e às possíveis mudanças de sentido?
- 3) Que processos linguísticos podem ser observados na adaptação e no uso desses estrangeirismos nas postagens da plataforma X?
- 4) De que maneira a análise desses estrangeirismos pode subsidiar práticas de ensino de Língua Portuguesa fundamentadas na Sociolinguística Educacional e na valorização da diversidade linguística?

A motivação para a realização desta monografia surgiu a partir de um interesse pelo estudo de línguas estrangeiras, e, ao pesquisar uma temática atrelada ao ensino de língua portuguesa, isso nos fez conhecer o fenômeno linguístico do estrangeirismo. Além disso, apesar de os estrangeirismos não serem novidades da língua, eles ainda podem ser vistos negativamente, gerando debates sobre se devem ou não ser utilizados. Portanto, o tema aqui escolhido foi motivado por interesses pessoais e por curiosidade em torno da visão linguística sobre eles. Além do mais, destacamos também a contribuição das discussões teóricas em torno da Sociolinguística no âmbito do Grupo de Estudos em Linguagem e Sociedade à Luz da Sociolinguística (GELiS), da UFMA/CCSB.

Este trabalho se debruça sobre as questões de variação linguística no contexto digital, focando no estrangeirismo. E para uma melhor compreensão dessa temática, fizemos um levantamento de pesquisa acerca do assunto e de como ele é tratado no meio acadêmico. As

pesquisas que foram encontradas, tratam, majoritariamente, a respeito do estrangeirismo no contexto digital. Apresentamos, a seguir, alguns trabalhos que consideramos de relevância para o estudo.

Primeiro, foi encontrada a monografia de Cristiana P. F. Zagallo, intitulada, *Língua Portuguesa e estrangeirismos: os anglicismos na rede social Instagram*, em que ela trata dos estrangeirismos e seus anglicismos na rede social *Instagram*. A monografia de Jurandir Barboza da Silva Filho, *Crenças e atitudes linguísticas sobre o uso de estrangeirismos manifestadas através de postagens de redes sociais*, que também se dedicou a analisar os processos de estrangeirismos em comentários nas redes sociais *X* e *Instagram*. Leony Bruno de Souza Pereira também é um autor que trouxe estudos acerca dos estrangeirismos presentes nas redes sociais. Em seu texto, *Estrangeirismo linguístico: adaptação fonética nos vocábulos que nomeiam as redes sociais*, ele foca em explicar como se dá o estrangeirismo na sua natureza fonética.

Diante dessas pesquisas e de outras encontradas, percebemos uma carência de estudos publicados sobre os estrangeirismos e sua caracterização linguística no contexto da rede social *X*. Enxergamos isso como uma lacuna para não só tentar explicá-la como também levá-la para a área de ensino de língua portuguesa como forma de discutir a variação linguística e o preconceito linguístico em sala de aula, desmistificando estigmas que rodeiam o uso dos estrangeirismos, destacando-o como um processo natural e comum à diversidade da língua.

Alkmin (2000, p. 31) destaca que o objeto da sociolinguística é “[...] o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Em outras palavras, é do interesse da área entender as atividades da língua em seu uso real, observando-a e explicando-a. Diante disso, no âmbito científico, esta pesquisa pode expandir as discussões na área da Sociolinguística, visando compreender as novas formas de comunicação e suas mudanças linguísticas no ambiente digital.

Ainda segundo Alkmin (2000, p. 33), toda língua, falada por qualquer comunidade, sempre apresenta variação. Nesse sentido, o ser humano é constituído por fala. Em todas as esferas da vida ele precisa fazer uso da linguagem, seja em casa, na escola, na universidade, ao ir ao mercado, ao conversar com um amigo etc. E o que determina as palavras que ele irá usar e como irá usar será a comunidade de fala na qual ele está inserido, e isso constitui a sua identidade como indivíduo. No entanto, alguns grupos de fala acabam por serem mais estigmatizados que outros, principalmente quando falamos de fatores socioeconômicos e regionais. Tendo isso em mente, esta pesquisa pode oferecer caminhos de reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, buscando alternativas e caminhos para discutir o preconceito linguístico em sala de aula a partir da realidade do aluno.

A importância desta pesquisa para a minha formação pessoal e profissional se dá pelo fato de, como uma futura professora de língua portuguesa, entender como o processo de formação da língua é de grande valor e necessidade, isso pensando em não só compreender a linguagem como um todo, mas também em como eu posso adaptar isso ao contexto da sala de aula em que eu irei trabalhar. Ser professora é estar sempre moldando práticas de ensino para que elas atendam às necessidades do alunado. E o alunado muda todos os anos, e com eles as formas de interação e comunicação. E para atingir esse público, é preciso acompanhar a sua linguagem.

Tendo apresentado o delineamento da pesquisa, apresentamos o objetivo geral que pretendemos alcançar: analisar os estrangeirismos presentes em postagens publicadas on-line da plataforma X, descrevendo suas características linguísticas e discutindo suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva reflexiva e voltada para a diversidade linguística. Na busca por atingir tal finalidade, destacamos os nossos objetivos específicos, quais sejam:

- i. identificar e classificar os anglicismos e os coreanismos presentes em postagens da plataforma X;
- ii. descrever o uso dos estrangeirismos na língua de origem e analisar os sentidos que assumem nas postagens em língua portuguesa;
- iii. analisar as estratégias linguísticas envolvidas na incorporação e no uso dos estrangeirismos;
- iv. refletir sobre as contribuições da análise dos estrangeirismos para o ensino de Língua Portuguesa, à luz da Sociolinguística Educacional.

A organização dessa monografia foi construída da seguinte forma:

- a) Nas considerações iniciais, apresentamos sobre o que trata esta pesquisa, situando o leitor sobre a sua importância, o seu delineamento e os objetos que buscamos alcançar durante a sua construção.
- b) Na segunda parte desse trabalho, apresentamos o referencial teórico em que discutimos a língua em seu aspecto social e o trabalho da Sociolinguística ao buscar explicá-la em seu uso real. Também trabalhamos a noção do Léxico de uma língua, bem como a conceituação dos estrangeirismos e seu processo de incorporação lexical. Na última parte trouxemos a rede social X como ferramenta de construção de discursos nas interações digitais.
- c) Na terceira parte, apresentamos a metodologia que seguimos para fazer as análises dos dados coletados.

- d) Na quarta parte, mostramos as análises de dados, em seguida os resultados acompanhados de discussões acerca de como os estrangeirismos podem ser usados para uma construção pedagógica em sala de aula.
- e) Na última parte deste trabalho, apresentamos as considerações finais, em que evidenciamos o que descobrimos ao longo das análises de dados.

2 LÍNGUA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

A linguagem faz parte da vida humana desde que o ser humano é ser humano. Em diferentes lugares, países, regiões e esferas ele utiliza a linguagem para se comunicar e se relacionar com outras pessoas. Segundo Alkmin (2000, p. 21), “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano.” Ou seja, a linguagem é uma parte indissociável da vida em sociedade, é por meio dela que a identidade de um indivíduo é moldada.

A língua é dinâmica, ela, como já foi dito, participa de todas as esferas da vida de um indivíduo. Para Alves (2013, p. 2), “A língua é uma forma de expressão que permeia tarefas diárias, relações e interações entre os seres humanos e aquilo que os rodeia.” Nesse sentido, usamos constantemente a língua em nosso dia a dia, seja em casa, na escola, no trabalho, em um encontro com os amigos, em uma simples ida ao mercado, e até mesmo nas nossas interações nas redes sociais. Ela é parte integrante da vida social.

Segundo Freitag e Lima (2010), os grupos sociais são formados em função dos seus traços identitários, desde crenças, valores, aparências até a língua. Todas essas características, na visão dos autores, formam índices de pertencimento. Ora, a língua não é um mero instrumento de transmissão de informações, ela trabalha como um marcador social que sinaliza laços de identidade e coletividade. Ao se manifestar por meio da fala, a linguagem encadeia práticas sociais e representa trajetórias individuais e coletivas, possibilitando que os indivíduos se reconheçam mutuamente como membros de um mesmo grupo social.

Em outras palavras, podemos reconhecer o local de origem, a faixa etária, a posição social e até mesmo a posição política, a partir da fala de alguém. Dessa forma, a linguagem não é somente um meio de comunicação, mas ela atua como prática social carregada de valores semânticos e sociais.

As autoras citadas evidenciam também que essa inter-relação entre língua e sociedade permite que os falantes de diferentes idiomas se constituam como sujeitos. Com isso, um indivíduo aprende a fazer uso de uma língua na forma em que ela é falada nos seus meios de convívio, e varia de acordo com contextos e grupos sociais. Ou seja, ela atua como um marcador identitário, onde o falante se comunica e se posiciona socialmente de forma responsiva.

Ainda, as autoras classificam a língua como sendo “[...] heterogênea e dinâmica, como uma atividade social, sendo constituída de variedade.” (Freitag; Lima, 2010, p. 11). Nessa ótica, a língua é variável e muda de acordo com cada local ou cada grupo social em que ela está inserida, ela é dinâmica e multifacetada. Dessa maneira, não existe uma forma “pura” de falar,

pois a língua está sempre passando por processos de mudanças e modificações. Afinal, não devemos esperar que sendo pessoas diferentes, ainda falamos da mesma maneira, sem que haja qualquer tipo de distinção em nossas falas.

Consoante Freitas e Lima (2010, p. 14), “[...] a língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana e também se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência.” Nessa perspectiva, a língua está estritamente ligada à sociedade, pois ela se desenvolve nela e para ela. Ela se adapta ao meio e cria formas de se inserir em diferentes contextos, seja na evolução de palavras ou até mesmo no surgimento delas. A língua não é um sistema estático, mas um organismo vivo que é influenciada por transformações socioculturais. Ela acompanha o fluxo que leva as mudanças da sociedade, se modificando e atendendo as demandas comunicativas de cada falante, inclusive as que englobam interações comunicativas que se dão por meio de usos oriundos de línguas estrangeiras.

Para além disso, a língua é variável, ela muda de acordo com o contexto, com os fatores geográficos, com o nível de escolaridade, com a situação econômica e com a comunidade de fala. Para Alkmin (2000, p. 33) “[...] Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações”. Isto é, toda língua, presente em qualquer realidade, sempre vem acompanhada de variações linguísticas. Essa é uma característica natural de qualquer língua viva, aquela que possui uma comunidade de fala que atualize o seu léxico.

Desse modo, a língua é um fenômeno que está ligado à sociedade. Ela é parte constituinte da vida humana nas interações sociais. Ela varia de acordo com o contexto de fala e de quem fala. Além disso, ela se constitui como uma parcela responsável pela formação identitária de um indivíduo, formando índices de pertencimento. Diante disso, discutiremos no próximo tópico a língua enquanto fenômeno social que está sujeito a mudanças, e como essas mudanças não interferem na autonomia de fala dos falantes.

2.1 A língua e suas mudanças

A língua evolui e se molda para atender as necessidades dos falantes. Ela é totalmente influenciada pelo contexto histórico e social da vida humana. Nesse panorama, para Faraco (2005, p. 14), “[...] as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo.” Então, a língua está em constante mudança, ela não é algo parado, está sempre em processo de alteração.

Além disso, como defende Faraco (2005, p. 14):

É importante, de início, destacar que a mudança gera contínuas alterações da configuração estrutural das línguas sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquilo que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas.

Isso significa dizer que, por mais que a língua esteja passando, de forma constante, pelo processo de mudança, não é algo perceptível ao ser humano. Para o autor (2005, p. 14), apesar de mudar, ela ainda se organiza e oferece “[...] a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.”, ou seja, o falante, mesmo que não perceba, irá acompanhar as transformações da língua.

É meio estranho pensar que o ser humano não consegue notar as alterações que ocorrem na língua. No entanto, Faraco (2005) explica que os falantes constroem uma imagem de sensação de permanência nela e, além disso, o autor frisa que o processo de mudança se dá de forma lenta e que ela só é percebida no seu cotidiano. O autor destaca, ainda, que essas transições não são notadas, pois elas não atingem o todo da língua, mas sim partes, isto é, nas falas de Faraco (2005, p. 15) “[...] a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência, reforçando aquela imagem antes estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua.” Nessa ótica, a língua não muda por inteiro, ela muda por partes, ela preserva termos ao mesmo passo que molda outros.

Para tanto, como já discutido, as transformações da língua ocorrem a partir de todo um processo histórico-social e cultural da sociedade, e que ela está indissociável dela. Além disso, à luz de Faraco (2005, p. 23-24) “[...] a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança.” Assim, a língua é heterogênea por natureza, no entanto, nem sempre ela irá sofrer mudanças como um todo, mas em partes, como já discutido anteriormente. Pensar a língua é entender que ela está em constante transmutação, mesmo que não consigamos notar.

2.3 Princípios teóricos: a sociolinguística e seu objeto de estudo

Uma das áreas da linguística que estuda a língua em seu contexto social é a Sociolinguística. É ela que oferece caminhos para se conhecer a linguagem em seus aspectos sociais e de uso, além de combater estigmas e preconceitos linguísticos constantes em diferentes momentos da vida de um indivíduo, incluindo a escola.

Segundo Borttoni-Ricardo (2014, p. 11), a Sociolinguística é uma ciência autônoma que surgiu no século XX; a autora chama atenção que estudos de natureza sociolinguística já eram

desenvolvidos anteriormente, como é o caso de Meillet (1866-1936), Bakhtin (1895-1975) e os membros do círculo de Praga, que levavam em consideração o contexto sociocultural e a comunidade de fala nas suas pesquisas. Ou seja, estudos sociolinguísticos já eram difundidos antes mesmo do surgimento da Sociolinguística, em que concebiam a língua como influenciada por seu contexto social e os falantes.

A autora destaca que a pesquisa sociolinguística foi motivada pela “[...] constatação de que crianças oriundas de grupos linguístico minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e classe alta.” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 12). Nesse sentido, a sociolinguística surgiu como uma disciplina que buscava explicar como o repertório linguístico das crianças influenciava o seu bom ou mau desempenho nas atividades em sala de aula. Essas pesquisas acerca da linguagem das crianças em ambientes escolares foi o ponto de partida para os estudos sociolinguísticos.

Ainda tratando sobre as pesquisas pioneiras da sociolinguística, Bortoni-Ricardo (2014, p. 13) dá ênfase ao principal teórico da área: William Labov (1927-2024). Ela aponta que o autor desenvolveu análises intensivas entre a variedade do inglês, língua materna dos alunos da pesquisa e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola. Segundo ela, essas pesquisas foram as raízes que firmaram a Sociolinguística, em que ela se voltou prioritariamente para a “[...] descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana.” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 13). Nesse sentido, a Sociolinguística se voltou para as áreas da linguagem muito tempo depois.

Ainda à luz de Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística é uma disciplina independente que se formou a partir de diferentes perspectivas teóricas, como a competência comunicativa de Dell Hymes (1927-2009), abordagem que foi desenvolvida em contraposição aos pressupostos de Noam Chomsky (1928) e de Ferdinand de Saussure (1857-1913).

A autora vem destacar como essas diferentes visões teóricas foram firmadas para se construir os princípios da sociolinguística, uma vez que trouxeram as dimensões sociais para o âmbito dos estudos da linguagem. Ela trata como Hymes reinterpretou o conceito de competência de Chomsky, acrescentando a noção de adequação linguística, em que:

O conhecimento que permite ao falante produzir infinitas sentenças, de acordo com o sistema da língua, inclui também a capacidade que o falante tem de adequar seu discurso ao interlocutor e às circunstâncias que presidem à sua enunciação. (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 14).

Nessa perspectiva, a ideia de adequação diz respeito à forma que um falante molda a sua fala para caber no discurso que está sendo usado em um determinado contexto linguístico. Então, Hymes trouxe essa reinterpretação das ideias de performance defendidas por Chomsky. Ademais, tendo a Sociolinguística surgido como uma ciência que se preocupava com o desempenho escolar de crianças pertencentes a classes sociais mais baixas e grupos étnicos marginalizados, a autora defende que o seu desenvolvimento foi pautado por dois princípios: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática.

Por meio da premissa do relativismo cultural defende-se que nenhuma língua ou variedade de língua em uso deve ser considerada inferior ou subdesenvolvida em relação a outras. Já a heterogeneidade inerente e ordenada, raiz da Sociolinguística, acredita que toda língua é marcada por variação, e estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para uma comunicação efetiva e adequada entre os falantes (Bortoni-Ricardo, 2014). Essas duas linhas de pensamento são o que molda os princípios da Sociolinguística, tendo a língua como um fenômeno social, variável, que se adequa e muda em diferentes situações comunicativas.

Agora que entendemos o que levou o surgimento da Sociolinguística, partimos para explicar do que se trata essa disciplina e do que ela se preocupa. Antes de mais nada, Coelho *et al.* (2010, p. 12) destacam que para se conhecer essa área de pesquisa é necessário “abrir a cabeça” para aceitar “[...] a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo.” Nesse sentido, a Sociolinguística tem a língua em situações reais de uso como seu objeto de estudo, e aceitá-la como tal é o ponto de partida para se entender como funciona essa área de pesquisa.

Mas afinal, o que é a Sociolinguística? Coelho *et al.* (2010, p. 12) definem esse ramo de pesquisa como “[...] uma área da linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.” Ou seja, os autores a tem como uma parte da linguística que estuda a língua falada concomitante com a sociedade à qual ela faz parte. A partir disso, compreendemos que estudar a língua implica, sobremaneira, relacioná-la à sociedade, por meio de uma relação mútua. Quer dizer, língua e sociedade são indissociáveis.

A pesquisadora Mollica (2003, p. 9) a define, de maneira mais ampla, como:

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Mollica, 2003, p. 9).

De modo geral, por muitos anos esse ramo de pesquisa tem tentado explicar o funcionamento da língua na sociedade e seus processos de variação. Dessa forma, a sociolinguística estuda determinada língua por meio dos próprios falantes que a falam, levando em consideração também os aspectos extralinguísticos, como cultura, comportamentos, local de convívio, relações interpessoais e assim por diante. Ademais, ela foca em buscar compreender a língua em seu uso cotidiano, nas situações reais de comunicação.

Nesse sentido, Faraco (2005, p. 184) também traz a sua definição da Sociolinguística:

Entende-se por sociolinguística o estudo das correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes. (Faraco, 2005, p. 184).

Ainda, ampliando a definição dos autores acima, Coelho *et al.* (2010, p. 17) dizem que “[...] A Sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras.” Isto é, a sociolinguística se debruça no estudo não só da variação linguística, como também no seu processo de formação e integração. Além disso, Mollica (2003, p. 10) também destaca que existem muitas áreas que a Sociolinguística se interessa, como contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança etc. Ela é um campo de estudo que transita entre diferentes áreas que envolvem a língua, por seu caráter interdisciplinar.

Portanto, a sociolinguística, para esses autores, estuda as diferentes formas de variação linguísticas presentes na sociedade, buscando entendê-las e explicá-las de modo a superar os preconceitos que envolvem a língua. A seguir iremos discutir como essa área de pesquisa embasa seus estudos.

Coelho *et al.* (2010) defendem que a língua é um sistema tão perfeitamente organizado que os falantes não sentem dificuldades de se comunicar entre si, não importando as diferenças da região onde ambos moram, idade ou nível de escolaridade. Isso porque, para os autores, a língua varia, e essa variação decorre de fatores presentes na sociedade, além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua. E são esses fatores que a Sociolinguística se preocupa, “[...] da pressão que eles exercem sobre a língua que falamos e da maneira que as pessoas percebem e avaliam a língua. É dessa forma que os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade.” (Coelho *et al.*, 2021, p. 13).

Dando continuidade nas suas discussões sobre a Sociolinguística, Coelho *et al.* (2010) defende que essa área de pesquisa entende a língua como um sistema de regras, sendo algumas

categorías, aquelas que sempre se aplicam da mesma forma, e as outras como variáveis, que se aplicam de modo variado. Nessa linha de pensamento, o que irá determinar o funcionamento de cada regra é a forma como a língua se comporta quando falada pelos seus falantes.

Completando o pensamento desses autores, Mollica (2003) sustenta a teoria de que a Sociolinguística é responsável por investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, “[...] diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.” Ou seja, essa área de pesquisa irá se debruçar em explicar o emprego de formas variantes usadas simultaneamente em situações reais de interação linguística, e seu grau de uso.

Nesse sentido, a Sociolinguística considera em suas análises a língua enquanto fenômeno social e heterogêneo pertencente a um grupo social, considerando fatores extralinguísticos, como forma de explicar o processo de variação linguística, visando entender como ocorre as suas mudanças no contexto social de uma comunidade de fala.

Outra área de interesse da Sociolinguística que podemos destacar é o debate sobre o preconceito linguístico. Segundo Mollica (2003, p. 23), pessoas da área da sociolinguística, os sociolinguistas, têm se voltado para debater a estigmatização em torno da língua, isso porque, ainda nos dias atuais, as práticas pedagógicas continuam assentadas em ideologias de certo e errado na língua, tendo como única forma correta a norma padrão. Ela ignora totalmente a língua como algo vivo e heterogêneo que varia de falante para falante. Esse preconceito em torno da língua deslegitima não só a fala como também a identidade de um indivíduo.

Com base nas ideias da autora, compreendemos que os estudos da Sociolinguística contribuem para destruir esses preconceitos linguísticos, buscando descrever a língua em seu uso real, algo que a escola tenta desqualificar e banir. Ou seja, essa área do saber vai ressignificar a noção de erro na língua, trazendo os conceitos de variação e provando que não existe um falar “correto” ou “errado”, que todos possuem uma expressão linguística natural e legítima e tentar apagar isso é contribuir para o apagamento de um indivíduo como parte constituinte da sociedade. Diante disso, no próximo tópico iremos discutir as contribuições que essa disciplina faz para o ensino de língua portuguesa.

2.2 Contributos da sociolinguística ao ensino de língua portuguesa

A Sociolinguística, como já discutido no tópico anterior, nasceu da busca por tentar explicar como o repertório linguístico das crianças influenciava no seu mau ou bom desempenho escolar. Esse campo de pesquisa se firmou inicialmente na área da educação e se

expandiu para outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, não é surpresa que ela desempenha um papel importante no ensino de língua portuguesa no Brasil. Ela moldou e continua moldando as abordagens e métodos educativos voltados para o ensino de língua nas escolas, lutando contra visões preconceituosas e equivocadas em torno das falas dos alunos.

No que se refere à Sociolinguística na educação ou Sociolinguística educacional: Bortoni-Ricardo (2014, p. 158) a define como:

[...] esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e a análise do discurso.

Nessa perspectiva, a partir das pesquisas Sociolinguísticas, a Sociolinguística Educacional irá propor abordagens pedagógicas mais voltadas para a realidade linguística do aluno, propondo um ensino de língua portuguesa que se preocupa não só em ensinar gramática, mas também nos usos reais da língua, tratando das variações mais e menos estigmatizadas e as adequações para cada uma delas, de maneira a fazer o estudante entender que não existe um falar mais correto do que o outro.

Como já é de conhecimento, a língua muda de pessoa para pessoa, sendo influenciada por uma série de fatores, desde regionais até nível de escolaridade. Nessa perspectiva, Cezario e Votre (2011, p. 152) assumem que os sociolinguistas defendem que os dialetos das classes menos favorecidas não são inferiores, insuficientes ou corrompidas, pelo contrário, esses dialetos são estruturados com base em regras gramaticais, que muitas das vezes se diferem das regras do dialeto padrão. Ou seja, a sociolinguística demonstra que cada fala também possui a sua própria regra gramatical, mesmo que ela não esteja de acordo com a norma padrão.

Nesse segmento, o autor destaca que a Sociolinguística cria nos professores uma visão menos preconceituosa em torno da língua, além de ela incentivá-los a valorizar todos os dialetos fazendo com que as crianças entendam que, sim, a variedade culta é vista como melhor no meio social, mas que de forma estrutural e funcional, não é nem melhor e nem pior que a variedade do aluno. Por essa ótica, a Sociolinguística constrói no educando uma perspectiva menos estigmatizada e equivocada sobre a língua, valorizando o falar do alunado e os levando a compreenderem que não existe o falar “errado” e sim as adequações e inadequações em torno dos usos.

Além disso, para Cezario e Votre (2011), a Sociolinguística, com as suas pesquisas voltadas para o uso real da língua, fornece informações detalhadas sobre variantes produzidas

pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que já não são mais estigmatizadas, das mudanças que já foram implementadas na fala, mas que ainda não foram aceitas pela gramática normativa. Dessa forma, na visão dos autores, isso enriquece a área da educação por trazer informações que podem ser usadas também no ensino de língua, que passa a ser baseada em dados reais.

No entanto, apesar dos múltiplos benefícios que a Sociolinguística traz para a área da educação, ela ainda é interpretada de forma equivocada. Segundo Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013, p. 45-42, *apud* Bortoni-Ricardo, 2014), o Brasil passou a desenvolver problemas decorrentes de falácias construídas por leituras mal interpretadas acerca dos textos técnicos da Sociolinguística. Isso porque se construiu uma crença de que os professores não deveriam intervir nas correções de gramática dos alunos. As ideias defendidas pelos especialistas da área eram de que variantes não padrão da língua não são erros e sim diferenças, sendo mais produtivas na oralidade e em estilos não monitorados. A autora destaca que a escola concluiu erroneamente que, mesmo se tratando de erros, elas não deveriam ser corrigidas para não se criar insegurança nos alunos.

Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 158), esse raciocínio desconhece a ideia do contexto que é produzido, onde se considera local, tema de conversa e as expectativas do interlocutor. Também desconhece as diferenças intrínsecas entre oralidade e escrita em momentos mais formais. Nesse sentido, o problema central é que os educandos não estão levando em consideração a ideia do momento de fala para os estudantes e nem a escrita. O ideal da sociolinguística não é somente trazer a ideia do não erro na língua, mas também fazer as pessoas entenderem que existem as formas de adequações e que em contexto de escritas escolares é necessário o uso da norma padrão.

Portanto, a Sociolinguística é uma área de pesquisa que oferece as ferramentas necessárias para um ensino de língua portuguesa mais efetivo que valoriza a autonomia comunicativa dos estudantes. Ela constrói nos professores uma visão menos estigmatizada e preconceituosa em torno da língua, os fazendo valorizar o falar do alunado, transformando a educação em um espaço mais seguro e significativo.

Nesse sentido, a sociolinguística educacional irá oferecer subsídios para a realização do terceiro objetivo pré-estabelecido para esse trabalho. Por meio dela, iremos propor uma reflexão pedagógica articulada ao ensino de língua portuguesa, em que os estrangeirismos sejam usados como ferramentas para que se compreenda o uso linguístico e a diversidade linguística. Além disso, usar essas reflexões como forma de quebrar visões estereotipadas e equivocadas em torno desse fenômeno linguístico.

3 O ESTRANGEIRISMO: produção e uso em sociedade

Como já foi amplamente aqui discutido, a língua passa por inúmeros processos de mudanças ao longo dos anos. Sendo um organismo vivo: ela é dinâmica, heterogênea e multifacetada. Ela influencia outras línguas ao passo que também é influenciada por elas. E essa troca de influências acaba por fazer surgir o que chamamos de estrangeirismos. É muito comum, principalmente nos dias atuais, com o maior contato de pessoas por meio das tecnologias digitais, a adoção de vocábulos oriundos de outras línguas. Vale destacar que esse fenômeno linguístico não é incomum a nossa língua portuguesa, uma vez que a mesma foi amplamente influenciada por outras línguas no seu processo de formação.

Nessa perspectiva, Câmara Jr. (1977, p. 111) define o estrangeirismo como sendo: “[...] os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante.” Dessa forma, o estrangeirismo, para o autor, seria o empréstimo de um termo que não se integra à língua nacional, ou seja, ela continua sendo vista como estrangeira, e mantém a sua estrutura original.

Além disso, Garcez e Zilles (2001, p. 13) o definem:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo.

Isto é, o estrangeirismo é a adoção de elementos linguísticos vindos de outras línguas que não perderam o seu caráter “alienígena” para falantes da língua que culminou o empréstimo. Ainda, para Alves (2007, p. 72), “Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. Como exemplo, vamos usar o termo *Software* (que foi trazido da linguagem computacional e não recebeu tradução para o português) que, mesmo sendo utilizado constantemente no dia a dia de quem faz uso da tecnologia, ele ainda é um termo visto como estrangeiro.

Alves (2007, p. 77) destaca que “[...] enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma.” Nessa perspectiva, um vocábulo ainda será classificado como estrangeirismo se ele não for adicionado ao sistema lexical da língua ao qual ele se insere. Além disso, a autora discute que a fase neológica desse

fenômeno se manifesta através de adaptação gráfica, morfológica e semântica. Isto é, quando o termo estrangeiro passa a integrar-se à estrutura lexical da língua. Inclusive, o estrangeirismo pode vir a se tornar um empréstimo se ele for incorporado de forma efetiva ao sistema linguístico ao qual ele se inseriu, além, é claro, das mudanças sintáticas, morfológicas e semânticas que ele pode sofrer na sua estrutura em contato com outra comunidade linguística.

Nesse sentido, os estrangeirismos são um fenômeno linguístico que sempre fez parte do processo de formação da língua portuguesa. Destacamos aqui vocábulos que foram transportados para nossa língua por meio desse recurso, como “buquê”, “gol”, “futebol”, “abajur”, “bife”, “arroz”, “açúcar”, “dendê” etc. Dessa forma, todas essas palavras mostram como a língua pode sofrer diversas influências em sua formação ao longo dos anos sem que se perca a sua identidade e a autonomia de fala de um indivíduo, pois, como já mencionado no tópico anterior, o que determina a mudança de uma língua é o próprio falante.

3.1 Estrangeirismo na perspectiva do léxico

Todo país ou comunidade possui um sistema linguístico que compõem a fala de seus cidadãos. Esse sistema é regido por regras de funcionamento, desde grupos de palavras, frases, e significados, além de oferecer subsídios e direcionamentos para que o falante possa falar com total autonomia e segurança. Quando buscamos aprender outro idioma, nos vemos diante de regras e mecanismos que regem a ordem daquele mesmo idioma. Da mesma forma, outras pessoas que buscam conhecer a nossa língua portuguesa se veem levadas a aprender as formas de organização dela. Nós também seguimos as regras da língua que falamos desde que nascemos, ainda que não percebamos. É algo natural, afinal o que determina o funcionamento de um sistema linguístico é o próprio falante.

Nesse sentido, o Léxico é a parte responsável por armazenar e manter os vocabulários de uma língua seguros e organizados no sistema. Ele tem o dever de guardar as palavras e impedir que muitas delas caiam no esquecimento. No entanto, estudar o Léxico de uma língua não é tarefa simples, uma vez que ele guarda uma vasta quantidade de vocábulos presentes em um idioma. Biderman (2001) bem pontua essa afirmação quando diz que as dificuldades desse estudo se dão pelo motivo de o Léxico ser um sistema aberto em expansão que não pode ser aprendido, nem descrito em sua totalidade.

Podemos dizer que todo falante, apesar dessa extensa lista de vocábulos, possui plena consciência, mesmo que não saiba, de como funciona o léxico da língua que fala. Isso porque o indivíduo sabe usar palavras e formular frases de forma coerente, de maneira que seu

interlocutor compreenda plenamente e dê uma resposta com a mesma autonomia. Essa independência linguística é cultivada desde o seu nascimento, ele aprende a falar, a organizar palavras de forma a formar frases e manter uma conversa. Isso tudo ele consegue bem antes de aprender a escrever. Para Biderman (2001), todo falante possui uma consciência intuitiva da unidade léxica da sua língua materna. Dessa forma, essa consciência o leva a saber usar o Léxico de sua língua sem muitas dificuldades.

O Léxico varia e muda de acordo com cada língua. As regras de funcionamento são determinadas e dependem dessas regras. Por isso, é bem complexo o estudo da lexicografia de um dado idioma. Como bem pontua Biderman (2001, p. 179): “O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua.” Nesse sentido, todas as regras que compõem uma língua ultrapassam limites que vão além da fala, e esses limites podem ser fatores sociais, culturais, políticos e assim por diante. Também não podemos deixar de mencionar como o Léxico vem acompanhado de toda a experiência vivida por determinada sociedade. Biderman (2001, p. 179) destaca que “[...] qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.” Ora, o Léxico de uma língua carrega a sua história e sua cultura ao longo dos anos, sendo moldada e vivida a partir dela.

Ademais, o que determina as mudanças do Léxico são os próprios falantes da sua sociedade de fala. Biderman (2001, p. 179) defende que:

Os membros dessa sociedade funcionaram como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Nessa perspectiva, como já discutido nos tópicos anteriores, a língua vive passando por mudanças. É contínuo, não há pausas. E essas mudanças são determinadas pelos próprios falantes que o falam. Se a sociedade muda, o indivíduo também, e, conseqüentemente, a sua forma de enxergar o mundo e falar. O Léxico acompanha todo esse processo, ele se expande, adiciona palavras ao seu sistema, outras somem, já outras reaparecem e assim por diante. Todas essas mudanças são responsáveis por enriquecer e manter o Léxico funcionando. Afinal, a língua é viva, e como tal, está sujeita a mudanças.

Como já bem aqui pontuado, o que determina as mudanças de uma língua são os próprios usuários dela, pois são os falantes que criam e conservam o vocabulário do Léxico. Isso porque, ao atribuírem conotações particulares aos lexemas em seus discursos, os indivíduos agem sobre a estrutura do Léxico, fazendo alterações e dando a ele novos significados. Para Biderman (2001), esses indivíduos são responsáveis por gerar a semântica da sua própria língua, em especial os mais criativos e de maior competência linguística como os escritores e poetas. Na visão dela “[...] o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.” (Biderman, 2001, p. 179).

Para tanto, o determinante principal e de maior importância para o Léxico trata-se do próprio falante. É ele que irá decidir, mesmo que indiretamente, quais vocábulos serão mantidos ou sumirão de um sistema linguístico. São eles que podem trazer de volta uma palavra antiga e dar a ela um novo significado, ou mesmo criar novas palavras e manter a sua durabilidade. Ele é o agente que molda a sua língua para que ela atenda às suas necessidades.

Como já discutimos anteriormente, o falante tem uma consciência sobre o Léxico de sua língua, ainda que desconheça tal fato. Ele enquanto falante é capaz de formular frases e manter um diálogo coerente. Na perspectiva de Biderman (2001, p. 181-182) “[...] no processo de aquisição da linguagem o Léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo.” Ou seja, a aquisição do Léxico é algo natural para nós e faz parte de nossa vida desde que nascemos e passamos a viver em sociedade. A partir do momento que nos inserimos em grupos sociais de nosso interesse, também aprendemos uma nova forma de usar a língua, como gírias e novas palavras, ou até mesmo no trabalho quando aprendemos a nos dirigir a colegas e a alguém de maior cargo na empresa. Dessa maneira, não é difícil notar que estamos sempre em processo de aquisição de vocábulos e expressões.

Biderman (2001, p. 180-181) também destaca nas suas discussões que:

A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência, através de signos lingüísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa Realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico. A forma como se dá tal armazenamento nos é desconhecida. É certo, porém, que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. De fato, a experiência quotidiana comprova a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados, de tal forma que, quando nós queremos lembrar de um vocábulo, desencadeia-se um processo que nos fornece, normalmente em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico ou então um determinado campo semântico.

Nesse viés, o indivíduo consegue processar o funcionamento do sistema lexical a partir de experiências repetitivas de sua realidade. Ele interpreta e armazena essas informações na memória, e indiretamente, aprende e faz o uso do léxico de forma ordenada. Como bem explicado pela autora, ainda é um mistério o jeito que esse processo de armazenamento de vocábulos se dá na mente do falante, o que se sabe é que ele ocorre de fato. Dessa maneira, é certo que alguém não precisa necessariamente saber ler para conseguir uma comunicação efetiva, já que esse repertório de uso de palavras é dado a ele no momento em que começa a aprender a falar.

Sabemos que a língua muda ao longo dos anos, acompanhando os processos de evolução de uma sociedade. Para Biderman (2001), conseguimos evidenciar as alterações e reformulações das classificações ordenadas do léxico de uma língua por meio de uma análise diacrônica de um sistema linguístico. Desse modo, ao acompanhar o processo de formação de uma língua por meio do Léxico, podemos notar mudanças significativas ao longo dos anos, desde sumiço de vocábulos até incorporações lexicais. Isso evidencia que o Léxico não é um sistema estático, ele se expande e se contrai à medida que seus falantes criam e esquecem vocábulos em conversas cotidianas.

Como visto na citação, acima, as novas conotações do significado que vão sendo introduzidas ao Léxico de uma língua acabam por despertar potencialidades para novas categorizações, o que acarreta no reajuste na estrutura lexical. Assim, esse processo de mudança acaba se efetivando de forma imperceptível aos olhos e à fala, sem que o falante perca a sua autonomia diante dela.

Ainda na percepção da autora, as categorias lexicais variam de língua para língua, raros casos de dois idiomas com os mesmos tipos de categorias, e quando ocorre equivalências perfeitas dos sistemas linguísticos, eles são casuais e esporádicos, o que o torna irrelevante para um confronto global entre eles. Assim, “[...] as redes de significação do Léxico de uma língua A nunca se ajustam em todos os seus nós significantes às redes de significação do Léxico de uma outra língua B.” (Biderman, 2001, p. 184). Ou seja, embora se consiga uma tradução quase perfeita do vocábulo de uma língua para outra, nunca de fato ela será 100% fiel a sua significação original, sempre haverá nuances e vácuos entre as traduções de outras línguas.

Portanto, diante das percepções de Biderman aqui levantadas acerca do Léxico, podemos constatar que ele é um sistema aberto, que engloba todo o universo da significação, e está sujeito a mudanças, ele se comprime e se expande. E toda essa mudança é resultado da própria ação do falante. É ele que determina o que fica na língua e o que sai. Dessa forma, como

vimos, seu vasto universo de vocábulos o torna quase impossível de ser estudado, mas ainda assim, ele é uma parte essencial para guardar parte do universo infinito de uma língua.

3.2 Tipos de estrangeirismos e seus processos de incorporação lexical

Os estrangeirismos estão se tornando cada vez mais frequentes com o advento das tecnologias digitais e as redes sociais digitais. Tornou-se muito mais fácil o contato entre culturas e línguas sem precisar sair do conforto de casa. Quando adotamos um termo estrangeiro, não estamos apenas fazendo um empréstimo, nós também estamos acompanhando as tendências globais e atribuindo a eles significados. Nesse sentido, com essa troca de influências entre línguas, nos vemos diante de várias categorias de estrangeirismos, como os lexemas e seus tipos. Mais adiante iremos conhecer essas categorias e quais línguas mais se destacam nesse fenômeno.

Biderman (2001, p. 208) destaca que os empréstimos estrangeiros são tipos de *neologismo formal e conceptual*, e que essa categoria inclui lexemas das mais variadas procedências linguísticas, como os anglicismos (inglês), galicismos (francês), latinismos (latim), italianismo (italiano), arabismos (árabe), niponismos (japônês) etc. Segundo a autora, houve um momento em que os galicismos tinham grande força na língua portuguesa. Se formos fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre que vocábulos foram exportados do francês para a língua portuguesa encontraremos inúmeros exemplos, dentre eles “ateliê”, “batom”, “bijuteria”, “boate”, “decoração” e assim por diante. No entanto, hoje os anglicismos são os que mais se destacam pela influência da cultura norte-americana. Podemos destacar aqui muitos exemplos somente da área computacional, como, *Software, site, computador, download* etc.

Podemos reconhecer três tipos de estrangeirismos segundo a autora: por decalque, pela adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira, e pela incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais. O estrangeirismo por decalque trata-se de “uma versão literal do lexema modelo da língua original.” (Biderman, 2001, 208-209). Em outras palavras, o falante, ao invés de importar a palavra original, ele traduz ou faz uma adaptação literal dos elementos que formam o próprio sistema lexical de sua língua. Ou seja, o vocábulo importado serviu de modelo, no entanto, ele foi substituído por outro vocábulo equivalente da língua que fez a importação.

Podemos destacar alguns exemplos de estrangeirismos por decalque: *credit card* > *cartão de credito (anglicismo)*; *feedback* > *retroalimentação (anglicismo)*; *skyscraper* > *arranha-céu (anglicismo)*; *supermarket* > *supermercado (anglicismo)*.

Nesse sentido, para Biderman (2001), essas palavras são calcos literais da língua inglesa, pois mantêm o significado e a organização dessa palavra estrangeira (como fica explícito nos exemplos) e adiciona a ela os recursos próprios da língua portuguesa, como prefixos e derivações. Dessa forma, a língua pode fazer uma importação e ainda assim manter as regras que regem a estrutura de seu léxico.

O segundo tipo de estrangeirismo destacado pela autora acontece na adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira. Isto é, quando a palavra importada já foi adotada há muito tempo pelo falante de língua portuguesa, como podemos verificar em alguns exemplos de anglicismos e galicismos, com base em Biderman (2001): *boy-cott* (anglicismo) > *boicote*; *club* (anglicismo) > *clube*; *atelier* (galicismo) > *ateliê*; *ballet* (galicismo) > *balé*.

Notamos que esses exemplos são muito comuns na língua portuguesa e já não são vistos mais como estrangeiros. Isso mostra que os falantes aceitaram essas palavras e acabaram incorporando-as ao sistema léxico da língua; a nossa língua não mudou para aceitar esses vocábulos, eles que se adaptaram para serem aceitos.

O terceiro processo de incorporação acontece quando, segundo Biderman (2001), os vocábulos mantêm a sua grafia e fonética originais. Isto é, a palavra importada, mantém a sua forma original de uso, desde estrutura até modo de falar. Vejamos alguns exemplos trazidos pela autora: *best-seller* (anglicismo); *gourmet* (galicismo); *campus* (latinismo); *pizza* (italianismo); *karatê* (coreano); *iogurte* (turco); *judô* (japonês); *vodka* (russo).

Todos esses exemplos aqui trazidos foram efetivamente moldados ao sistema lexical da língua portuguesa falada no Brasil. Segundo Biderman (2001), o estrangeirismo, ao ser incorporado ao léxico de outra língua, sofre um processo de categorização morfossintático dentro da língua de adoção. A grande maioria desses neologismos importados são constituídos por substantivos e raramente acontece casos de adjetivos e verbos. E na língua portuguesa esses substantivos e adjetivos recebem marcas morfossintáticas de gênero, número e grau. Vejamos alguns exemplos de substantivos com marca de gênero: *software* – recebeu marca do gênero masculino; *selfie* – recebeu marca do gênero feminino; *notebook* – recebeu marca de gênero masculino; *internet* – recebeu marca de gênero feminino.

A palavra estrangeira irá receber marcas de gênero, mesmo que não exista essa especificação na sua língua original. “Via de regra, a maioria dos nomes é integrada ao léxico português no gênero masculino, já que esse é o gênero não-marcado na nossa língua.” (Biderman, 2001, p. 212). A pesquisadora destaca, ainda, que a integração do nome feminino irá depender do gênero da palavra de origem ou da referência implícita a uma noção que é o seu arquivo genérico. Agora olhamos os que receberam marca de grau: *playlistinha* – recebeu

marca do grau diminutivo; *pizzazona* – recebeu marca de aumentativo; exemplos dos que variam em número; *lives* – recebeu marca de plural; *sites* – recebeu marca de plural.

Biderman (2001) explica que a marca de número é mais complexa. Isso porque existem variados padrões de plural na língua portuguesa e suas regras fonológicas, muitas vezes, criam impasses da fonética do nosso idioma, sendo frequente a manutenção do plural da língua de origem.

Agora vejamos alguns exemplos de verbos:

Print – *printar*

Twitter – *twittar*

Login – *logar*

Agora vejamos alguns adjetivos:

Top

Fake

Clean

Fashion

Todas essas palavras foram adaptadas ao sistema léxico da língua portuguesa. Cada uma delas recebeu suas especificações e muitas delas ainda podem vir a ser acompanhadas com algum sufixo, como é o caso de: *fashion* – *fashionista*; assim como também podem variar de gênero, número e grau.

Como bem vimos, o estrangeirismo, ao entrar na nossa língua, pode sofrer uma adaptação ou simplesmente manter a sua forma original. Isso não significa que a língua portuguesa irá “se perder” com esse processo de incorporação. Desde muitos anos, começando por sua criação, a nossa língua passa por longos processos de mudanças, e essas mudanças, mesmo sendo acompanhadas por estrangeirismos, não perdeu e não perderá a sua identidade. O falante nunca deixou de reconhecê-la como sua, como podemos confirmar pelos exemplos aqui trazidos.

Portanto, é de suma importância que enxerguemos a língua como organismo vivo, dinâmico e heterogêneo, sujeito a mudanças e influências de outras. Não devemos enxergar os estrangeirismos como uma coisa negativa, mas apenas algo natural de toda língua viva falada.

3.3 A plataforma X como espaço de produção: uso e interação linguística

As redes sociais digitais transformaram de forma significativa as interações entre indivíduos em diferentes partes do mundo, principalmente entre os jovens. Essas plataformas trouxeram novas possibilidades de interação e práticas de produção e circulação de discursos. Nesse cenário, a rede social *X* se consolidou com um espaço de comunicação e troca de informações, em que as postagens são publicadas e entregues de forma instantânea, permitindo que milhares de usuários compartilhem experiências, opiniões, notícias, dentre outros.

Segundo Recuero (2009, p. 173), inicialmente denominada de *Twitter*, a plataforma foi fundada por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams em 2006, sendo um projeto da empresa Odeo. Hoje, após ser adquirida pela empresa *X corp* em 2023, ela passou a ser chamada como *X*. O *X* atualmente matem suas funções antigas, mas adicionou novas possibilidades à ferramenta, como publicar imagens, vídeos e *gifs*.

Essa rede social, desde que foi fundada, desempenhou um grande papel de interações discursivas e trocas linguísticas. Ao longo dos anos, começaram a surgir comunidades dentro da plataforma (o que chamamos de bolhas), e esses espaços foram se consolidando e crescendo entre as pessoas, que passaram a interagir e a consumir conteúdo a partir de seus interesses. Dessa maneira, a plataforma *X* se tornou um lugar que favoreceu e ainda favorece a criação de novos vocábulos e a criação de novas tendências linguísticas. Dentre essas tendências linguísticas podemos encontrar os estrangeirismos, as gírias, palavras por abreviação, etc.

Segundo Marcuschi (2008, p. 16 *apud* Zagallo, p. 40) “[...] a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Nesse sentido, o vocabulário dentro da rede social *X* se renova todos os dias, como a adoção de um termo novo, uma ressignificação de uma expressão, o apagamento de uma gíria famosa, dentre outras. A verdade é que essa rede social permite que as pessoas interajam com pessoas de diversos lugares no mundo, seja nacionalmente ou internacionalmente.

Assim, as línguas passam a estar sempre em contato, e acabam fazendo trocas linguísticas e construindo novas formas de comunicação e interação. Reforçando essa perspectiva, Crystal (2004, p. 103 *apud* Zagallo, p. 37) defende que: “A internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidade de expressão, com dimensões inéditas de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua.”

Dessa forma, é inegável o papel que a rede social *X* vem desempenhado ao longo dos anos para a construção de uma identidade linguística própria da plataforma. As pessoas passaram a expressar opiniões e perspectivas por meio de ironia, figuras de linguagem, imagens,

vídeos, memes, estáticos, dentre muitas outras possibilidades. E as pessoas que usam essa ferramenta conseguem se comunicar de forma efetiva, porque ao estarem em contato, a identidade linguística dos grupos vai se construindo e se tornando parte do seu acervo lexical pessoal.

Diante disso, o motivo que nos levou a escolher essa plataforma se deu justamente por essa razão: o *X* se consolidou como um espaço que construiu a sua própria identidade linguística, e uma delas foi o uso intenso de estrangeirismos. Enxergamos esse fenômeno linguístico como objeto importante para se fazer uma análise a partir das conversas na rede social digital. Por fim, a seguir apresentamos a metodologia que seguimos para as análises de estrangeirismos coletados para essa pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. Dessa forma, a organizamos em torno de detalhamentos sobre a importância da pesquisa na formação docente, a abordagem da pesquisa, os procedimentos técnicos e constituição e análise dos dados.

4.1 A importância da pesquisa na formação docente

A pesquisa, como já vem sendo discutida aqui, é uma prática indispensável para o fazer docente. Mas afinal, do que se trata a pesquisa? Segundo Gil (2002, p. 17) “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Ora, a pesquisa nada mais é do que uma prática reflexiva e metodológica que busca responder questões e solucionar problemas. Ainda, para Gil (2002), a pesquisa pode ser requerida quando uma informação não é suficiente para responder determinados questionamentos ou quando uma informação se encontra em estado de desordem, não sendo adequadamente relacionada com o problema. Com isso, o pesquisador irá buscar responder, por meio de pesquisas intensas, as suas dúvidas sobre determinado assunto e área de conhecimento.

Para Gil (2002, p. 17), “A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.” Nesse sentido, a pesquisa se dispõe a analisar pesquisas já realizadas anteriormente e fazer uso de práticas metodológicas e técnicas variadas, para que assim, o pesquisador possa encontrar as respostas e a solução para as suas dúvidas. Ela, na visão do autor, se desenvolve em um processo que envolve inúmeras fases, desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados obtidos.

Gil (2002) defende que a pesquisa exige que as ações que são desenvolvidas no processo sejam efetivamente planejadas. Ou seja, todas as suas etapas devem ser pensadas antes da sua realização. O planejamento é a parte inicial de qualquer pesquisa. É nela que irá se formular o problema, as indagações, os objetivos, as hipóteses, etc. É essencial que esse campo já esteja delimitado, para que assim, o pesquisador aja de acordo com um roteiro e não tenha dificuldades maiores na busca por respostas.

Portanto, é necessário que o planejamento de pesquisa deva vir com as metas já bem definidas, para que desta forma, o pesquisador tenha seus objetivos alcançados e as respostas para as suas indagações respondidas. No mais, se colocar na posição de pesquisador, é estar

aberto às mudanças, é pensar em si mesmo como protagonista da própria construção profissional.

Diante do que foi discutido sobre o que é a pesquisa e qual a sua importância, nos reportamos a ela como parte indispensável na formação do professor pesquisador. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 46), “O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática.” Cabe ao professor pensar as suas práticas de ensino, identificar o que pode ser mudado ou aprimorado, e, assim, se tornar um docente que consegue se adaptar às diferentes realidades que ele possa encontrar durante a sua carreira.

O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias. (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46).

Ou seja, para Bortoni-Ricardo, o professor pesquisador se difere dos demais pelo seu compromisso de refletir a sua própria prática, buscando reforçar seus aspectos mais positivos e superando as suas fragilidades e deficiências.

Para tanto, é inegável a importância da pesquisa na formação pedagógica profissional de um professor. Ele é sempre aquele que está aberto às mudanças e busca se adaptar a elas. Ser um professor pesquisador é estar preparado para a prática do ensinar e do compartilhar os conhecimentos adquiridos com outros professores. Por fim, a seguir apresentamos a abordagem que adotamos para a construção dessa pesquisa.

4.2 A abordagem da pesquisa

Tendo em vista tudo o que já foi tratado sobre a pesquisa e sua importância para o professor pesquisador, trazemos aqui a nossa proposta de pesquisa. A temática que escolhemos aborda a variação linguística presente nas interações on-line da rede social X, com foco no estrangeirismo. A abordagem de pesquisa trata-se da pesquisa qualitativa, que segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” Nesse viés, este estudo irá se debruçar em analisar um fenômeno linguístico presente no contexto digital, considerando seus padrões de uso, construção de sentido e suas adaptações.

Consideramos esta pesquisa como sendo descritiva. Segundo Gil (2008, p. 28), as pesquisas do tipo descritiva “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características

de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Dessa forma, este estudo se qualifica como descritivo pois ele irá se dedicar em analisar e descrever as características de um fenômeno linguístico presente no âmbito digital, considerando padrões de ocorrências e adaptação linguística.

Para Gil (2002, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Logo, essa pesquisa se deu a partir de estudos teóricos anteriores sobre o processo de transformação e variação da língua com o objetivo de compreender e explicar o estrangeirismo presente nas interações on-line.

Ademais, Gil (2002) apresenta a pesquisa documental como semelhante à pesquisa bibliográfica. No entanto, ele as difere:

[...] a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (Gil, 2002, p. 45).

Logo, este estudo usou como *corpus* de análise, posts da rede social X, focando exclusivamente no uso de palavras estrangeiras. Ou seja, o documento de critério de avaliação não se concentra somente em leitura teórica, então ela se qualifica como sendo uma pesquisa documental.

4.3 Constituição do *corpus* e análise dos dados

Subjacente a toda discussão teórica aqui apresentada sobre língua e seu caráter heterogêneo, vimos que o neologismo por estrangeirismo também faz parte do processo de incorporação lexical na língua portuguesa. E esse processo está se tornando cada vez mais intenso à medida que os novos meios de comunicação vão surgindo. Dessa forma, torna-se importante entendermos como funciona a incorporação do termo estrangeiro à língua portuguesa e que construção de sentido ele adota na língua durante as conversas rotineiras da rede social X.

O material aqui apresentado (postagens que contém expressões estrangeiras) foi coletado na rede social X no período dos meses de janeiro a abril do ano de 2026. Para o critério de coleta, nos concentramos em comunidades que envolvem a música (especificamente a pop e a *k-pop*) e nos baseamos também em número de curtidas. Além disso, também levamos em consideração a língua ao qual foi importada, e escolhemos termos da língua inglesa

(anglicismos) e termos da língua coreana (que chamamos de coreanismos), visto que eles possuem maiores ocorrências devido a sua participação em grande escala na indústria musical.

Para essa pesquisa, foram selecionados 17 (dezesete) anglicismos e 7 (sete) coreanismos. Os de língua inglesa acontecem com mais frequência, visto que a comunidade *k-pop* (pop coreano), por estar inserida no ambiente da música, acaba adotando estrangeirismos por anglicismos, além da própria indústria musical sul coreana ser responsável por essa influência por também adotarem termos técnicos em língua inglesa.

Vejamos o quadro 1, a seguir, no qual apresentamos todos os estrangeirismos que foram coletados:

Quadro 1 – Os achados da pesquisa

Anglicismos	Coreanismos
<hitar>	<Sasaeng>
<stream>	<akgaes>
<single>	<aegyo>
<feat>	<Daesangs>
<flopou>	<nugu>
<SOTY>	<maknae>
<high note>	<hyung>
<Comeback>	
<line-up>	
<haters>	
<payola>	
<pop emergency>	
<pré-saves>	
<fancam>	
<fairy ending>	
<fanchant>	
<Aoty>	

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Como podemos observar no quadro, ocorreu um grande número de ocorrências entre anglicismos comparados aos de coreanismos. Como já falamos anteriormente, tantos os fãs de *k-pop* (pop coreano) quanto a indústria musical coreana, adotam termos próprios da língua inglesa. A título de exemplo, alguns termos do inglês foram difundidos pela própria comunidade *k-pop*: como é o caso de *fancam*, *fanchant* e *fairy ending*. Também podemos exemplificar trazendo termos de fora das análises como *main dance* (dançarino principal), *main vocal* (vocalista principal), *rapper line* (linha de rappers) e *vocal line* (linha de vocalistas), dentre muitas outras ocorrências.

Muitas palavras importadas para a língua portuguesa na rede social X, chegaram e se mantiveram na sua forma original, isso porque eles são termos técnicos próprios da indústria musical e não tiveram uma tradução precisa, e foram difundidos pela própria indústria, como é o caso de *stream*, *feat*, *single*, *SOTY*, *Comeback*, *Daesangs*, *line-up*, *payola*, *pré-saves*, *fancam*, *fairy ending*, *fanchant*, *aegyo*, *maknae* e *Aoty*. Já outras são pertencentes a própria cultura do país, como é o caso de *sasaeng*, *maknae* e *hyung*.

No geral, foram coletados 92 (noventa e duas) postagens relacionadas a comunidade da música que continham palavras estrangeiras. Privilegiamos os casos em que o termo é usado com mais frequência por esse espaço, ou seja, aquelas que mais aparecem em postagens e interações. Além disso, descartamos repetições de estrangeirismos, palavras que são pouco utilizadas, variações de um mesmo estrangeirismo (como é o caso de *flop*, *flopada*, *flopar*...), e também aqueles casos de estrangeirismos por idiomas que não sejam do inglês e do coreano (encontramos casos de niponismos e latinismos).

A seguir, na seção 5, iremos entender melhor como cada termo é usado nas conversas da rede social X e a construção de sentido que elas dão nos discursos amplamente difundidos na plataforma. Ao longo das análises foi percebida mais de uma ocorrência de estrangeirismo em um único *post*, sendo algumas delas só anglicismo, outra somente coreanismo, outras de forma híbrida. Cada estrangeirismo analisado será reconhecido por dígrafos < >, e serão escritos em *itálico*, ex: (<*fancam*>, <*Daesangs*>, <*payola*>...). Para cada termo estrangeiro usaremos o *itálico* e para as traduções usaremos as aspas.

O processo de análise dos termos estrangeiros se concentrou em trazer a perspectiva tratada por Biderman (2001), em que apresentou três tipos de estrangeirismo:

- 1) decalque;
- 2) adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira;
- 3) e incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais.

Em nossas análises, descartamos o primeiro tipo, visto que ele não foi encontrado nos dados coletados.

Além disso, para a análise também trouxemos uma adaptação da metodologia proposta por Correia e Almeida (2012) no livro *Neologia em Português*, em que ela apresenta três tipos de mecanismos distintos que as línguas se dispõem: “a construção de palavras recorrendo as regras da própria língua/a atribuição de novos significados a palavras já existentes/a importação de palavras de outras línguas”. (Correia; Almeida, 2012, p. 33).

Como estamos avaliando um processo de incorporação lexical por estrangeirismo, criamos o nosso próprio processo de análise a partir do modelo proposta pelas autoras, em que

analisamos os vocábulos por intermédio de Fichas, uma para cada estrangeirismo (Ficha 1, Ficha 2, Ficha 3...). Ao todo, conseguimos analisar 24 Fichas, contando com as múltiplas ocorrências presentes em um único post. As Fichas foram estruturadas por 6 (seis) entradas distintas, quais sejam:

1. **Estrangeirismo:** consiste na apresentação do item lexical entre dígrafos e em itálico.
2. **Tipo de estrangeirismo:** versa sobre a classificação do estrangeirismo.
3. **Uso na língua original:** corresponde a uma reflexão sobre o uso do item lexical na língua original.
4. **Uso na língua estrangeira:** corresponde a uma reflexão sobre o uso do item lexical na língua estrangeira.
5. **Estratégia linguística de uso:** consiste em uma sistematização de estratégias linguísticas em torno do item lexical em análise.
6. **Novidade semântica evidenciada:** trata acerca da materialidade semântica do item lexical em uso.

Para a tradução das palavras em língua inglesa, contamos com a ajuda da ferramenta *Google Tradutor* e para as de língua coreana pesquisamos em *sites* para uma tradução mais precisa (cada *site* foi referenciado em notas de rodapé ao longo das análises).

5 ANÁLISES

Nesta seção, apresentamos as análises dos anglicismos e dos coreanismos identificados nas postagens da plataforma X. As ocorrências são examinadas com foco nas características linguísticas dos estrangeirismos e em suas possíveis contribuições para uma abordagem reflexiva do ensino de Língua Portuguesa.

5.1 Análise dos anglicismos e coreanismos em postagens da plataforma X

As análises foram organizadas em fichas, elaboradas a partir das categorias definidas para esta pesquisa, de modo a sistematizar a descrição e a interpretação de cada estrangeirismo. Essa organização possibilita identificar regularidades nos usos observados e compreender os processos de incorporação lexical presentes nas postagens analisadas.

Figura 1 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <hitar>, <stream> e <single>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2019393145440543103>

Ficha 1:

1. **Estrangeirismo:** <hitar>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando o neologismo <hitar>.
3. **Uso na língua original:** o termo vem da palavra *hit* e possui diversos sentidos como “bater”, “atingir”, “alcançar” e também pode ser usado como substantivo: “sucesso”.

4. **Uso na língua estrangeira:** a palavra estrangeira é usada para indicar que um artista ou música está fazendo sucesso e atingindo grande popularidade. Dependendo da forma em que ela é usada, ela pode ser tanto um verbo quanto um adjetivo.

Ex: Essa música *hitou* muito no tik tok.

O lançamento dela está *hitando* entre os adolescentes.

Essa música é um *hit* aqui em casa.

Essa música é um verdadeiro *hit*.¹

5. **Estratégia linguística de uso:** no post a palavra estrangeira sofreu uma adaptação morfológica se tornando um verbo regular de primeira conjugação, podendo ser conjugado de acordo com as regras que regem o léxico da língua portuguesa (*hitei, hitou, hitaram...*).
6. **Novidade semântica evidenciada:** ela é usada na rede social X para indicar que um artista ou música atingiram grande sucesso comercial.

Ficha 2:

1. **Estrangeirismo:** <stream>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o sentido literal do vocábulo <stream> na língua inglesa é “fluxo” ou “corrente”. Na área da tecnologia significa uma reprodução continua de dados, vídeos ou áudios pela internet que uma pessoa faz sem precisar baixar o conteúdo ou a quantidade de visitas que aquela música atingiu desde seu lançamento.
4. **Uso na língua estrangeira:** na plataforma X a palavra <stream> é usada para indicar a reprodução constante de fãs em músicas e vídeos de determinado artista para que ele consiga atingir um grande número de audiência e ter um bom desempenho nas paradas musicais. Além disso, ela também é usada para indicar a quantidade de reproduções que uma música atingiu em plataformas de áudio.

Ex: Eu faço *streams* todos os dias nessa música.

A faixa atingiu o maior número de *streams* do que qualquer outra música lançada esse ano.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo manteve sua forma original inglesa e não sofreu nenhum tipo de adaptação morfológica ou ortográfica ao ser usada na língua

¹ Muitos dos exemplos aqui destacados foram baseados em postagens publicadas na plataforma X, já outros foram criações nossas.

portuguesa. No entanto, ela sofreu uma ampliação semântica dentro da linguagem musical pois ela foi usada para dizer que serão adicionadas reproduções na música vindo de visualizações de um vídeo.

6. **Novidade semântica evidenciada:** embora <stream> seja um termo técnico da linguagem de informática, no contexto da rede social X ela passou a ser empregada para indicar o consumo de música, associada a número de reproduções, popularidade e apoio dos fãs.

Ficha 3:

1. **Estrangeirismo:** <single>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o sentido literal do termo <single> na língua inglesa pode variar entre “solteiro”, “único”, “individual” ou “isolado”. No contexto musical ela se refere a uma música lançada separadamente de um álbum ou a música principal desse álbum, geralmente ela que possui mais divulgação, ou é lançada para antecipar um projeto maior de determinado artista.
4. **Uso na língua estrangeira:** esse termo é usado no contexto da rede social X para se referir ao lançamento de uma música por um artista em plataformas de áudios. Além disso, ela também é usada para gerar discussões sobre músicas que já foram lançadas ou serão lançadas nas discussões entre fãs.

Ex: Essa artista lançará um *single* para o lançamento de seu mais novo álbum.

O desempenho nas paradas está péssimo para um *pré-single* de uma artista grande.

Essa música deveria ser divulgada como *single*.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post a palavra não sofreu alterações e manteve a sua forma original.
6. **Novidade semântica evidenciada:** embora possua sentido de “único” e “individual” na língua inglesa, na comunidade da música da rede social X o termo é associado especificamente a uma música lançada por um artista em plataformas de áudio.

Figura 2 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <feat> e <flopou>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:

<https://x.com/i/status/2027383253670179290>

Ficha 4:

1. **Estrangeirismo:** <feat>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** <feat> é uma abreviação de *featuring*, um termo derivado do verbo *to feature*, que na tradução literal significa “apresentar”, “incluir” ou “dar destaque a alguém”.
4. **Uso na língua estrangeira:** na rede social X esse termo é usado para se referir a colaboração entre artistas em alguma faixa musical.

Ex: Eles fizeram sucesso com essa música sem precisar de *feat*.

Um *feat* entre esses dois pararia a indústria musical.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo <feat> passou a funcionar como um substantivo.
6. **Novidade semântica evidenciada:** embora o sentido literal de <feat> seja “apresentar”, ele ganhou um significado mais restrito dentro de uma comunidade de fala mais específica, se referindo a uma colaboração entre artistas na rede social X.

Ficha 5:

1. **Estrangeirismo:** <flopou>.

2. **Tipo de estrangeirismo:** Trata-se de um anglicismo, originando um neologismo formado por derivação sufixal.
3. **Uso na língua original:** o termo é derivado do inglês *flop*, de significado literal “fracassou”, “falhou” ou “não obteve sucesso”.
4. **Uso na língua estrangeira:** na rede social X ele é empregado para se referir a uma música ou artista que não obteve sucesso ou fracassou nas paradas musicais.
Ex: Aquela música *flopou* muito.
Aquela cantora é uma *flopada*.
5. **Estratégia linguística de uso:** o termo *flopou* é derivado de *flop* e foi conjugado como um verbo de terceira pessoa do singular, sendo a desinência –ou acoplada ao radical *-flop*.
6. **Novidade semântica evidenciada:** ela passou a ser empregada na comunidade de música para indicar uma música ou artista que falhou nas paradas musicais. Além disso, ele também é usado como termo pejorativo para ofender determinado artista em brigas de fãs, fazendo comparativo de *streams*, número de visualizações, posições em *rankings* e repercussão global.

Figura 3 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <SOTY>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2033154898489999463>

Ficha 6:

1. **Estrangeirismo:** <SOTY>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** <SOTY> é uma abreviação da frase em inglês “song of the year” que significa “música do ano”.

4. **Uso na língua estrangeira:** nas interações da rede social *X* ela é empregada como categoria em premiações para premiar a música que teve o melhor desempenho no ano. Além disso, ela também é usada por fãs para expressar admiração pela música de seu artista preferido ou para elogiar uma canção que tenha gostado.

Ex: essa música é tão boa que merecia o *SOTY*.

Essa música é um verdadeiro *SOTY*.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post ela não sofreu nenhuma alteração, funcionando apenas como uma sigla estrangeira próprio do vocabulário técnico da indústria musical.
6. **Novidade semântica evidenciada:** <*SOTY*> geralmente é usada por premiações musicais como forma de categoria para dar o prêmio para uma música que teve o melhor desempenho ao longo do ano e passou a ser empregada pela comunidade da música para elogiar uma canção que ele considere de qualidade, ou com ótimos números nas paradas e que ele considere merecedor dessa categoria nessas premiações.

Figura 4 – Postagem da plataforma *X* ilustrando o uso de <*high note*>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2042040134908920282>

Ficha 7:

1. **Estrangeirismo:** <*high note*>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.

3. **Uso na língua original:** a tradução literal de *<high note>* significa “nota alta”, geralmente é usado para dizer que um artista atingiu uma nota vocal elevada em uma música.
4. **Uso na língua estrangeira:** *<high note>* geralmente é empregada na rede social X para se referir a um artista que atinge uma nota vocal elevada alta de maior complexidade, exigindo técnica, alcance e performance impecáveis.

Ex: Ela é a única cantora que consegue atingir um *high note* tão alto.

O *high note* dele nessa música é perfeito.

5. **Estratégia linguística de uso:** apesar de não sofrer alterações, no post o termo recebeu o artigo definido do masculino, obedecendo as regras estruturais da língua portuguesa.
6. **Novidade semântica evidenciada:** *<high note>* é um termo técnico dentro da comunidade musical e é adotado na rede social X para demonstrar admiração pela nota vocal alta de grande dificuldade atingida por um artista.

Figura 5 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de *<comeback>*



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2035315782561710423>

Ficha 8:

1. **Estrangeirismo:** *<comeback>*.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** *<comeback>* é a junção das palavras *come* que significa “vir” e *back* que possui variados sentidos como “voltar”, “recuar”, “costas” e “de volta” (seu

uso vai depender do contexto) e eles juntos significam “volta”, “retorno”, “regresso”, indicando o retorno de alguém ou no contexto da música, a volta de um artista.

4. **Uso na língua estrangeira:** geralmente é usado para se referir a um artista que volta com um novo lançamento de música ou performance em palcos.

Ex: Ela anunciou o *comeback* depois de anos em *hiatus*.

Eles serviram muito nesse *comeback*.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu nenhum tipo de alteração e manteve a sua forma original.
6. **Novidade semântica evidenciada:** apesar de possuir vários modos de usos na sua forma original, o termo é empregado nas conversas on-line da rede social X para se referir ao retorno de um artista com um projeto musical, seja por meio de uma nova canção ou um show de retorno.

Figura 6 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <line-up>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2025971903706317024>

Ficha 9:

1. **Estrangeirismo:** <line-up>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** na língua inglesa <line-up> significa uma lista ou organização de pessoas que participarão de alguma atividade ou evento.
4. **Uso na língua estrangeira:** esse termo é empregado para se referir a um grupo de artistas que irão se apresentar em um festival ou premiação musical.

Ex: Eles fazem parte da *line-up* do segundo dia de show.

A *line-up* para o Rock rio ainda não foram divulgadas.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu nenhuma alteração na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** <*line-up*> é um estrangeirismo empregado na rede social X para se referir a uma lista de artistas que irão se apresentar em algum evento musical. Além disso, ela também envolve uma ideia mais ampla, como uma nova fase artística, estratégias de divulgação, novos conceitos visuais, em suma, um novo trabalho apresentado pelo artista.

Figura 7 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <*haters*> e <*payola*>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2044758366610727263>

Ficha 10:

1. **Estrangeirismo:** <*haters*>.
 2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo com neologismo por incorporação lexical direta com marcação de plural.
 3. **Uso na língua original:** o termo <*hater*> é derivado do verbo *to hate* que significa “ódio”, ele é usado para se referir a alguém que possui ódio e antipatia sobre algo ou alguém.
 4. **Uso na língua estrangeira:** o termo é usado para se referir a alguém que possui aversão a um determinado artista e propaga discursos de ódio contra ele ou contra o seu trabalho.
- Ex:** Os *haters* foram os primeiros a ouvirem a música dele.

Ninguém aguenta os *haters* querendo forçar música ruim no novo álbum.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu nenhuma alteração na sua estrutura, no entanto ela passou a designar um grupo social de pessoas, além de ganhar marca de pluralidade.

6. **Novidade semântica evidenciada:** na língua inglesa esse termo é usado para dizer que alguém sente raiva de algo ou alguém, ao ser colocada nas conversas na rede social X ela se refere a uma pessoa ou grupos de pessoas que odeiam um artista ou seu trabalho e propaga discursos de ódio contra ele, como difamar a sua imagem e desmerecer o seu trabalho e conquistas. São os odiadores.

Ficha 11

1. **Estrangeirismo:** <payola>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o termo é a junção da palavra em inglês *pay* que significa “pagar” com o sufixo *ola* que vem de produtos de “victrola” ou “pianola”. Ela surgiu nos Estados Unidos se referindo a um dispositivo mecânico de tocar piano automaticamente.
4. **Uso na língua estrangeira:** <payola> é usado para se referir a um artista que usa de métodos trapaceiros para que sua música obtenha sucesso. Além disso, ela também pode se referir a um investimento de promoção que um artista ou sua gravadora fazem para divulgar uma música ou álbum.

Ex: Ele só conseguiu o primeiro lugar porque usou *payola*.

Bem que ele poderia adicionar *payola* nessa música para impulsionar ela nos *charts*.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu nenhuma alteração na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** <payola> é um termo técnico próprio da indústria musical e na rede social X a expressão pode ser usada de dois modos: um deles para dizer que um artista está usando formas desonestas para se obter sucesso, como pagar plataformas de áudio para ganhar *streams* e ficar em primeiro lugar. Na segunda forma ele é usado para dizer que um artista está divulgando a sua música de diferentes formas, como vender um álbum a um preço mais acessível e conseguir vendas maiores.

Figura 7 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <pop emergency>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2013658652163346829>

1. **Estrangeirismo:** <pop emergency>
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o termo é a junção das palavras *pop* abreviação de *popular music* que significa “música popular” com o termo *emergency* que significa “emergência”, elas juntas significam “emergência pop”.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo geralmente é empregado para destacar um grande acontecimento na indústria da música que irá gerar repercussão, como o lançamento de uma música ou álbum, o retorno de um artista, dentre outros.
Ex: *Pop emergency:* depois de anos sem lançar nada, ele finalmente anunciou seu *comeback*..
Pop emergency: ela acaba de anunciar seu novo álbum para julho.
5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu nenhuma alteração na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo foi ressignificado, a palavra *emergency* na língua inglesa indica uma situação de perigo e urgência, já nas conversas on-line ele passou a ser usado para se referir a um lançamento de grande relevância e impactante no mundo da música.

Figura 9 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <pré-saves>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2020580713968378126>

Ficha 13:

1. **Estrangeirismo:** <pré-saves>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical adaptada com marca de pluralidade.
3. **Uso na língua original:** <pré-save> vem do termo inglês <pre-save> que é a junção de *pre* que significa “antes” com *save* que significa “salvar”, elas juntas significam “salvar antecipadamente”.
4. **Uso na língua estrangeira:** <pré-saves> é um recurso de plataformas de áudio que permitem que os fãs salvem um conteúdo de um artista que ainda não foi lançada.
Ex: A plataforma já disponibilizou o *pré-save* do novo *single* deles.
 Essa música bateu recorde de *pré-saves*.
5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo sofreu uma adaptação gráfica ao ser incorporada a língua portuguesa: ele manteve a sua base inglesa *save*, mas adiciona um acento agudo no prefixo *pré*, se adaptando as regras morfológicas da língua portuguesa. Além disso, ela também recebeu marca de pluralidade.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X ela passou a designar o ato de salvar antecipadamente o lançamento de algum artista.

Figura 10 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <fancam>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2043075489405825212>

Ficha 14:

1. **Estrangeirismo:** <fancam>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** O termo é a junção do nome *fan* que significa “fã” com a abreviação *cam* de *camera* que significa “câmera” e é traduzido literalmente “câmera de fã”.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo (próprio da comunidade *k-pop*) é utilizado para designar a vídeos gravados por fãs focados em artista em específico, capturados em shows ou eventos musicais. Ele foi disseminado principalmente pela comunidade *k-pop* (pop coreano).

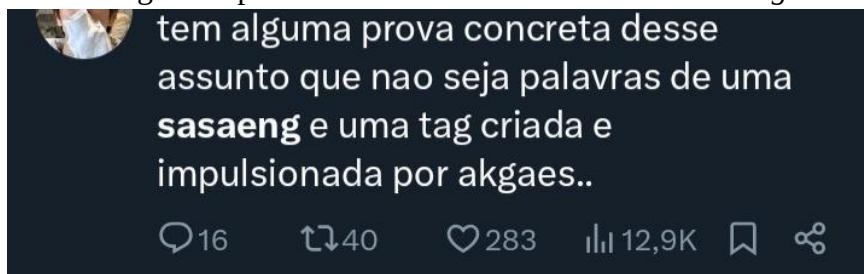
Ex: Saudades de quando essa *fancam* era viral no *twitter*.

Essa é a minha *fancam* favorita.

5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo não sofreu alterações e manteve sua estrutura original sem tradução ou adaptação ortográfica.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo ganhou um significado além de “câmera de fã” e passou a se referir a um conteúdo audiovisual gravado por

um fã de um integrante específico de um grupo de *k-pop*. Além disso, ele também pode se tratar de um vídeo *edit* (editado) feito por um fã de um determinado artista ou mais de um.

Figura 11 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <sasaeng> e <akgaes>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link: <https://x.com/i/status/2046032618257277155>

Ficha 15:

1. **Estrangeirismo:** <sasaeng>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta romanizada.
3. **Uso na língua original:** a palavra <sasaeng> (do coreano 사생팬) é a junção dos termos *sa* (do coreano 사) que significa “privado” e *saeng* (do coreano 생) que é uma abreviação de *sasaenghwal* (do coreano 사생활) e o significado literal delas juntas é “vida privada”. Ele é usado para se referir a um *stalker*².
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo <sasaeng> é empregado para se referir a um fã obsessivo que invade a privacidade de um artista, tirando fotos sem autorização, invadindo residência ou espaço de lazer, conseguindo número de telefone, dentre inúmeras outros comportamentos considerados criminosos.
Ex: Não espalhem vídeos publicados por *sasaeng*.
Essa *sasaeng* persegue ele a anos.
5. **Estratégia linguística de uso:** no post o termo foi empregado como um substantivo comum do gênero feminino e manteve a sua forma original.

²Fonte de tradução disponível em: [O que são ‘SASAENGs’ no K-POP? – Revista KoreaIN](#) acesso em: 28 de jun. 2026.

[K-pop: o que são sasaengs? - Billboard Brasil](#) acesso em: 28 de jun. 2026.

[Sasaengs: Você sabe o que é? - Revista Pepper](#) acesso em: 28 de jun. 2026.

- 6. Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo é empregado para se referir não somente a um fã perseguidor como também a comportamentos considerados obsessivos, como invasão de privacidade, perseguição e exposição da vida privada de um artista.

Ficha 16:

- 1. Estrangeirismo:** <akgaes>.
- 2. Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo com neologismo por incorporação lexical direta romanizada com marca de pluralidade.
- 3. Uso na língua original:** <akgae> (do coreano 악개) é a abreviação do termo coreano *akseong gaeinpaen* (do coreano 악성 개인.) que significa literalmente “fã individual malicioso”³.
- 4. Uso na língua estrangeira:** o termo é utilizado para se referir a fãs que apoiam somente um único membro de um grupo e atacam e desvalorizam os membros desse mesmo grupo, desmerecendo performances, músicas e aparência visual.
Ex: Essa onda de *hate* para esse membro foi arquitetado por *akgaes*.
Os *Akgaes* estão atacando ela por nada.
- 5. Estratégia linguística de uso:** O termo manteve a sua estrutura original, no entanto, ela recebeu marcação de plural.
- 6. Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo <akgaes> é usado para se referir a fãs individuais de um único membro, às vezes mais de um, do grupo que fazem movimentações para infamar a imagem dos outros integrantes do grupo, como distorcer falas, desmerecer performances, insultar a aparência física (na maioria das vezes fazendo edições de fotos para o membro parecer “feio”), criar narrativas de que os membros desse grupo não gostam e armam para seu membro favorito, dentre muitos outros.

³Fonte de tradução disponível em: [Conheça o outro tipo de fãs intensos, os Akgaes | KpopLat](#) acesso em: 28 de jun., 2026.

Figura 12 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <aegyo>, <fairy ending>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2045518454761910461>

Ficha 17:

1. **Estrangeirismo:** <aegyo>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta romanizada.
3. **Uso na língua original:** o termo <aegyo> (do coreano 애교) vem do coreano e significa “fofura”, “charme” ou “gracinha”.⁴
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo <aegyo> (próprio da comunidade k-pop) é utilizado para se referir a comportamentos considerados fofos, delicados, carismáticos e até mesmo infantis.
Ex: Ele é o rei do *aegyo*.
 Ela não gosta de fazer *aegyo*.
5. **Estratégia linguística de uso:** por ser um termo técnico próprio da indústria musical sul coreana e não possuir uma tradução direta, <aegyo> manteve a sua estrutura original.

⁴Fonte de tradução disponível em: [O que significa Aegyo? Como usar? Conheça o lado fofo da cultura coreana](https://www.youtube.com/watch?v=...)
 acesso em: 28 de jun., 2026.

6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo <*aegyo*> é usado para se referir a um comportamento que um artista adota para parecer mais fofo, como adotar uma postura mais infantil e brincalhona, mudando o tom de voz ou as expressões faciais, fazendo gestos com corações ou mandando beijos, tudo isso para entreter o público, seja em uma apresentação musical ou em programas de variedades.

Ficha 18:

1. **Estrangeirismo:** <*fairy ending*>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o termo <*fairy ending*> é a junção das palavras *fairy* que significa “fada” com *ending* que significa “final”, e juntas elas significam literalmente “final de conto de fadas.
4. **Uso na língua estrangeira:** na língua estrangeira o termo significa “final de fada” e é usado geralmente na comunidade k-pop (pop coreano) para se referir ao final de uma apresentação musical em que a câmera foca em um artista mostrando a sua expressão facial ou pose.

Ex: O *fairy ending* dela está viralizando.

Esse foi o melhor *fairy ending* do *comeback* até agora.

5. **Estratégia linguística de uso:** o termo não sofreu nenhum tipo de mudança na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo é amplamente difundido pela comunidade de *k-pop* para se referir a um comportamento final de um artista ao final de uma apresentação, seja fazendo uma pose, uma expressão facial e até mesmo o *aegyo*.

Figura 13 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <fanchant>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2045090506443497927>

Ficha 19:

1. **Estrangeirismo:** <fanchant>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** <fanchant> é a junção dos termos *fan* que significa “fã” com *chant* que significa “coro”, “grito” ou “canto”, e elas juntas significam literalmente “canto de fãs”.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo é usado para se referir a manifestações vocais de fãs durante shows ou apresentações musicais.
Ex: O *fanchant* na apresentação de hoje estava muito fraco.
O *fandom* está preparando o *fanchant* para o show do grupo no Brasil.
5. **Estratégia linguística de uso:** o termo não sofreu nenhum tipo de mudança na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X o termo é empregado, principalmente na comunidade *k-pop*, para se referir a cantos, frases coordenadas, gritos de torcida e até mesmo falando o nome dos membros do grupo durante apresentações musicais.

Figura 14 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <Daesangs> e <Aoty>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:

<https://x.com/i/status/2047646289219719555>

Ficha 20:

1. **Estrangeirismo:** <Daesangs>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo, originando um neologismo por incorporação lexical direta romanizada.
3. **Uso na língua original:** <Daesang> (do coreano 대상) significa “grande prêmio” ou “prêmio principal” e se refere a um prêmio considerado de grande prestígio para cantores e atores na Coreia do Sul⁵.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo (próprio da comunidade *k-pop*) se refere a um prêmio de excelência dado para cantores na Coreia do Sul por seu bom desempenho nas paradas musicais.
Ex: Eles são os artistas que mais possuem *Daesangs* na história.
 Ela possui grande chance de ganhar *Daesang* esse ano.
5. **Estratégia linguística de uso:** como o termo é próprio da indústria musical coreana, ela não possui tradução direta, no entanto ela recebeu marca de pluralidade.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X ela não é somente usada para se referir a um prêmio de prestígio, mas também como parâmetro de reconhecimento,

⁵Fonte de tradução disponível em: [Daesang: o que significa e qual a sua relevância no kpop](#) acesso em: 28 de jun. 2026.

relevância e impacto, que destaca as maiores conquistas de um artista durante a sua carreira na indústria musical coreana.

Ficha 21:

1. **Estrangeirismo:** <Aoty>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um anglicismo com neologismo por adaptação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** <Aoty> é uma sigla do inglês de *Album Of The Year* que significa “Álbum do ano”, é o nome dado a categorias de premiações que premiam um álbum com melhor desempenho no ano.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo é usado para se referir a um álbum que teve o melhor desempenho durante o ano todo, desde vendas até crítica de música especializada.
Ex: Esse álbum merece levar *Aoty* esse ano.
Pra mim esse álbum não merecia ter levado *Aoty*.
5. **Estratégia linguística de uso:** por ser próprio da indústria musical, o termo não sofreu nenhum tipo de mudança na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X ele não é usado somente para se referir a uma categoria das premiações, mas também como uma avaliação subjetiva que os próprios fãs fazem para dizer que aquele é o melhor álbum lançado. Eles levam em consideração qualidade musical, número de vendas, desempenho em paradas musicais, dentre outros.

Figura 15 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <maknae>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:
<https://x.com/i/status/2048009768443212077>

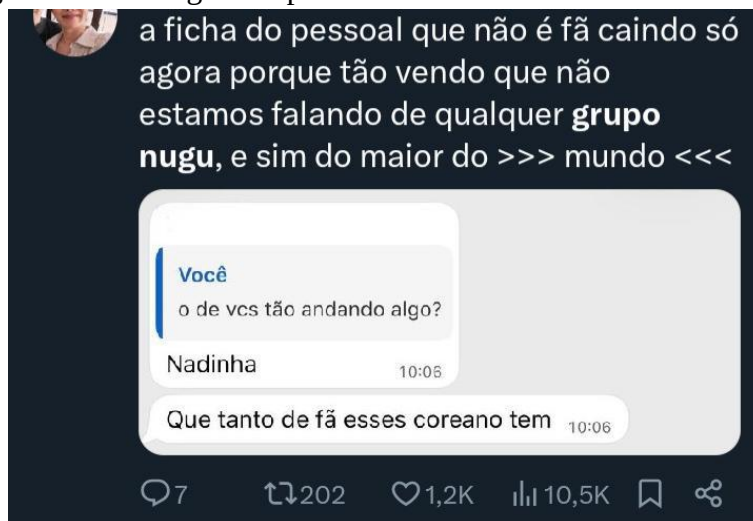
Ficha 22:

1. **Estrangeirismo:** <maknae>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo com neologismo por incorporação lexical direta romanizada.
3. **Uso na língua original:** o termo <maknae> (do coreano 막내) é um nome dado para um integrante mais novo de um grupo⁶.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo (próprio da comunidade k-pop) é usado para se referir a um membro mais novo de um grupo musical. Esse pronome de tratamento é considerado um papel que esse integrante desempenha no seu grupo: ser o mais novo.
Ex: Ele é o *maknae* do grupo.
Ela é a *maknae* mais talentosa do *k-pop*.
5. **Estratégia linguística de uso:** o termo é um pronome de tratamento próprio da Coreia do Sul e por não ter tradução direta foi incorporada sem nenhum tipo de mudança estrutural.

⁶ Fonte de tradução disponível em: [Maknae: saiba o que significa e conheça alguns\(as\) deles\(as\)](#). acesso em: 28 de jun. 2026.

6. **Novidade semântica evidenciada:** na rede social X, esse termo é usado para se referir a um membro mais novo do grupo e o papel que ele desempenha nessa posição, como personalidade, interação com os integrantes mais velhos, interação com os fãs, etc.

Figura 16 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <nugu>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link: <https://x.com/i/status/2042623542194323843>

Ficha 23:

1. **Estrangeirismo:** <nugu>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo com neologismo por adaptação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** o termo <nugu> (do coreano 누굴) na língua coreana significa literalmente “quem”⁷.
4. **Uso na língua estrangeira:** o termo <nugu> (próprio da comunidade *k-pop*) geralmente é utilizado para se referir a artistas ou grupos poucos conhecidos na indústria musical. Dependendo da forma que é usado, ele pode indicar uma expressão pejorativa para insultar ou diminuir algum artista ou grupo.

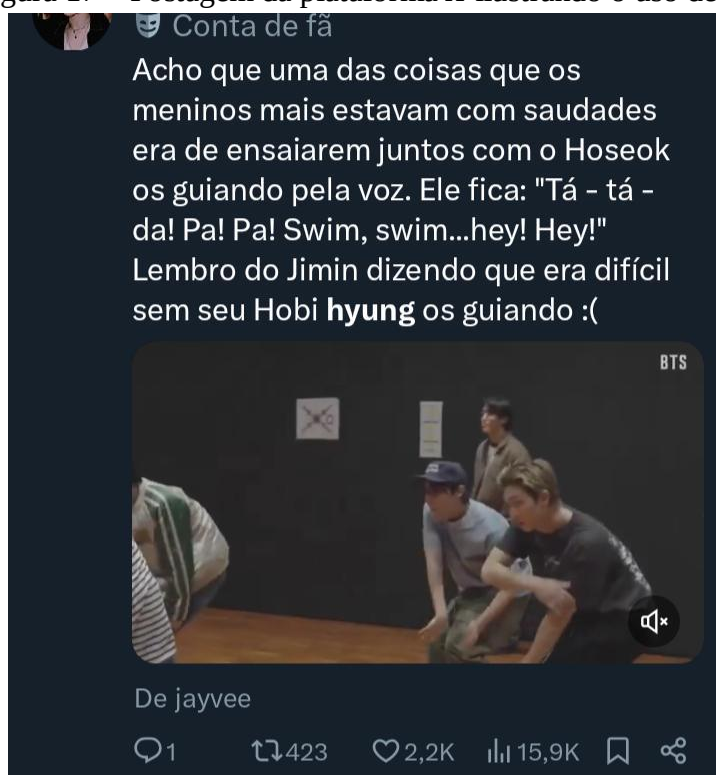
Ex: Queria que elas deixassem de ser um grupo *nugu*.

Esse grupo nunca vai deixar de ser *nugu*.

⁷ Fonte de tradução disponível em: <[O que significa nugu e grupos para levar ao topo dos charts](#)> acesso em: 28 de jun. 2026.

5. **Estratégia linguística de uso:** o termo passou por uma mudança sintática, enquanto na língua coreana ele é usado como pronome, no contexto do post foi utilizado como um adjetivo.
6. **Novidade semântica evidenciada:** apesar de na língua original <nugu> ser usado como “quem”, na rede social X esse termo é usado para dizer que um grupo ou artista é desconhecido na indústria musical, no entanto, ele é mais utilizado como uma expressão pejorativa para ofender grupos e artistas, como dizer que eles são irrelevantes, não fazem sucesso, não possuem talento, etc.

Figura 17 – Postagem da plataforma X ilustrando o uso de <hyung>



Fonte: captura de tela elaborada pela autora, disponível no link:

<https://x.com/i/status/2046568558591705115>

Ficha 24:

1. **Estrangeirismo:** <hyung>.
2. **Tipo de estrangeirismo:** trata-se de um coreanismo, originando um neologismo por adaptação lexical direta.
3. **Uso na língua original:** <hyung> (do coreano 형) significa literalmente “irmão mais velho”. Trata-se de um honorífico usado por homens mais novos para se dirigir a homens mais velhos, não precisa necessariamente serem irmãos. O seu uso envolve uma

ideia de hierarquia do próprio país (Coreia do Sul) que demonstra respeito e vínculo social entre dois homens de idades distintas⁸.

4. **Uso na língua estrangeira:** o termo (próprio da comunidade *k-pop*) é usado como pronome de tratamento para se referir a um integrante homem mais velho do grupo. Além disso, ele também é usado para se referir aos mais velhos do grupo, geralmente eles usam <*hyung line*> (linha *Hyung*/ linha dos mais velhos).

Ex: Ele é o *hyung* do grupo.

A hyung line sempre cuida da *maknae line*.

5. **Estratégia linguística de uso:** o termo é próprio da organização social da Coreia do Sul e não sofreu nenhum tipo de mudança na sua estrutura.
6. **Novidade semântica evidenciada:** embora na Coreia do Sul o termo seja usado como um honorífico entre homens, na rede social X ele é usado como categoria de identificação dentro de grupos musicais masculinos, associados a integrantes mais velhos. Além disso, ele também é utilizado pelos fãs para comentar a relação de liderança, cuidado e proximidade entre o/os integrante/es mais velho/os com os mais novos.

5.2 Resultados e discussões

Diante das análises aqui evidenciadas, concluímos que a maioria dos estrangeirismos foram importados por adaptação lexical direta, sendo 22 (vinte e duas) ocorrências comparadas a 2 (duas) por neologismos por derivação sufixal.

Também notamos que a maioria dos termos presentes da comunidade da música tratam-se de termos técnicos próprios da indústria musical e que não tiveram uma tradução direta. Além disso, esse mesmo fato ocorreu em formas de tratamento social do próprio país da língua original do termo, como foram os casos de <*Daesang*>, <*maknae*> e <*hyung*>.

Ademais, percebemos uma especialização semântica na maioria dos estrangeirismos importados, embora muitos tenham sido incorporados na sua forma original, a sua significação acabou sendo ampliada nas discussões entre fãs na plataforma X. Constatando o que Biderman (2001) já havia mencionado, e que já tratamos aqui anteriormente: de que as redes de significação do Léxico de uma língua A nunca se adequam em todos os seus nós significantes às redes de significação do Léxico de outra língua B.

⁸ Fonte de tradução disponível em: [O Que Significa Hyung em Coreano? Você Vai Se Chocar! \[2025\]](#) □ acesso em: 28 de jun. 2026.

Por fim, destacamos ainda uma maior ocorrência de estrangeirismos por anglicismos e menor ocorrência entre coreanismos: foram ao todo 17 anglicismos comparados a 7 coreanismos. Isso porque, como já falamos anteriormente, a indústria musical sul coreana também tende a adotar termos próprios da língua inglesa, como foram os casos de <*fancam*>, <*fanchant*> e <*fairy ending*>. No entanto, vale destacar que isso não significa que a língua coreana não está sendo empregada de forma intensa por outras línguas, principalmente devido ao grande interesse pela indústria do *k-pop* e de *doramas*. Existem muitos outros termos coreanos que foram importados para a língua portuguesa e que não foram catalogados para esse trabalho, como, por exemplo, <*sunbae*>, <*oppa*>, <*sunbaenim*>, dentre muitos outros.

Esses resultados revelaram que as pessoas da comunidade da música não utilizam somente esses termos estrangeiros por não terem equivalentes na língua portuguesa, mas também pelo motivo dessas palavras representarem uma parte da identidade desses usuários. Todos esses estrangeirismos carregam significados que são compartilhados dentro de um espaço de interação entre indivíduos, e essa autonomia linguística legitima a sua participação enquanto integrante desse meio social, criando uma identidade própria que é compartilhada com iguais.

5.3 O estrangeirismo como recurso didático no ensino de língua portuguesa

Como já discutimos anteriormente, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Sociolinguística oferecem subsídios para que por meio da Sociolinguística Educacional elaborem propostas pedagógicas mais alinhadas à realidade linguística dos estudantes. Ressaltamos, contudo, que este trabalho não tem como objetivo elaborar uma proposta didática, mas promover reflexões sobre as possibilidades de incorporação dos resultados desta pesquisa ao ensino de Língua Portuguesa, considerando uma perspectiva crítica, reflexiva e voltada para a valorização da diversidade linguística.

Vimos que as redes sociais, como o X, são plataformas que estão influenciando comportamentos na vida real entre os jovens de diferentes idades, principalmente os adolescentes. Dessa forma, é de suma importância que nós, enquanto professores, estejamos atentos a essas mudanças e nos adequemos a elas.

Os estrangeirismos acontecem com frequência nas interações on-line, e, pensando nisso, podemos usá-los enquanto recurso pedagógico para o ensino de língua portuguesa em sala de aula. Conforme destaca Faraco (2005), a língua é uma realidade heterogênea e multifacetada. Nesse sentido, podemos usar o estrangeirismo em sala de aula para que os alunos compreendam

que fazer uso desses termos não se trata de um “erro”, mas apenas um fenômeno que acontece entre línguas em contato. Vale ressaltar também que isso pode ser um ponto de partida para que os estudantes possam aprender que o uso de determinadas expressões depende muito do contexto.

Como já amplamente discutido, vivemos em uma era de fortes transformações tecnológicas, e é de suma necessidade que levemos os alunos a compreenderem como elas estão influenciando cada vez mais os nossos comportamentos, principalmente no que se refere à linguagem. Os estrangeirismos não são um acontecimento novo na língua portuguesa, no entanto os meios de comunicação estão fazendo com que isso aconteça com mais frequência. Podemos trazer esse assunto em sala de aula, criando uma oportunidade para reflexões críticas em torno da globalização, da cultura digital em crescimento e da circulação de informação nas sociedades.

Freitag e Lima (2010) defendem que os grupos sociais são formados em função dos seus traços identitários, formando índices de pertencimento. Todo grupo social possui sua forma de falar e expressar opiniões. A língua também é um marcador de identidade de um indivíduo. Quando analisamos a comunidade digital, também notamos como cada grupo interage e conversa entre si.

Assim, muitos dos exemplos analisados neste estudo podem ser incorporados a atividades de Língua Portuguesa, levando os alunos a refletirem sobre os usos da língua em contextos reais de interação, os processos de variação e mudança linguística, bem como a influência de outras línguas na constituição do léxico do português, em um viés que valoriza a diversidade linguística.

Os estudos sobre estrangeirismo aqui apresentados fazem parte da comunidade da música, podemos levar os alunos a perceberem como as pessoas interagem entre si a partir do grupo do qual elas fazem parte e como a interação linguística acontece de forma efetiva e isso mostra como não existe um erro na língua e sim variações.

Para tanto, os estrangeirismos podem ser uma ferramenta indispensável para se promover um pensamento crítico em alunos em relação à variação e ao preconceito linguístico. Conceber a língua enquanto um fenômeno heterogêneo e multifacetado ainda é um desafio, principalmente quando as propostas pedagógicas se voltam a falar sobre a noção do não erro na língua, mas esquece de tratar sobre a importância das adequações.

O estrangeirismo não é algo a ser repudiado, mas apenas um acontecimento natural entre línguas em contato, além deles também serem uma forma de identificação identitária de um grupo social. É de suma importância que nos adequemos à realidade do alunado, tendo em vista

que os estrangeirismos não são alheios a eles. Trazer essa realidade faz com eles compreendam o funcionamento de uma língua viva.

Essa perspectiva está em consonância com os pressupostos da Sociolinguística Educacional defendidos por Bortoni-Ricardo (2014), bem como com a atuação do professor-pesquisador proposta pela autora (Bortoni-Ricardo, 2008), comprometido com uma educação culturalmente sensível à heterogeneidade linguística.

Nessa perspectiva, buscamos promover uma compreensão crítica dos diferentes usos da língua, contrapondo-nos a concepções oriundas do senso comum que deslegitimam determinados fenômenos linguísticos, como os estrangeirismos, apesar de constituírem recursos legítimos e recorrentes nas práticas comunicativas contemporâneas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos por fim às considerações finais desse trabalho monográfico, e antes de mais nada, retomemos as questões que buscamos responder para alcançar os objetivos pré-estabelecidos para esta pesquisa. A primeira pergunta a ser respondida foi quais os estrangeirismos circulam nos comentários on-line publicados na plataforma X. No tópico de metodologia apresentamos todos os termos estrangeiros escolhidos que encontramos durante a coleta de dados. Antes de apresentarmos as palavras, fizemos uma “filtragem” de posts para que fossem contemplados para esta pesquisa: escolhemos posts que continham situações de anglicismos e coreanismos que fazem parte da comunidade da música, devido a sua maior ocorrência, além de levar em consideração a quantidade de curtidas que cada um teve.

A segunda pergunta a ser respondida foi a de que maneira esses estrangeirismos se caracterizam do ponto de vista semântico no uso efetivo da língua. Para respondê-la e fazer as análises adaptamos um método proposto por Correia e Almeida (2012, p. 33) extraído do livro *Neologia em Português*, onde observamos que a maioria dos estrangeirismos foram adaptados de maneira direta na língua portuguesa, mas em alguns casos, ele acabou mudando seu significado ou sofrendo uma ampliação semântica nas conversas da rede digital.

A terceira e última pergunta que buscamos responder foi a de como a análise desses estrangeirismos pode ser articulada ao ensino de Língua Portuguesa, de modo a promover a reflexão crítica dos educandos sobre o uso linguístico e a diversidade linguística. Para responder a essa questão, dedicamos um tópico ao final das análises para discutir como podemos articular os estrangeirismos ao ensino de Língua Portuguesa em sala de aula. Evidenciamos a importância de trazer discussões que casem com a realidade linguística atual do aluno, promovendo um ensino que se afaste da noção de “erro” e se aproxime da noção de adequação. Além disso, mostramos como esse estudo pode ajudar na compreensão dos alunos sobre a influência que as redes sociais digitais possuem no nosso cotidiano, sobretudo na linguagem, e que elas revelam a identidade de um indivíduo e o sentimento de pertencimento ao fazer partes de grupos de seu interesse. Isto posto, ficou evidente que a Sociolinguística Educacional tem muito a contribuir com uma educação linguística crítica e reflexiva.

Respondendo a essas perguntas, alcançamos o objetivo geral para esta pesquisa que era: analisar os estrangeirismos presentes em comentários on-line da plataforma X, descrevendo suas características linguísticas e discutindo suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa a partir de uma perspectiva reflexiva e voltada para a diversidade linguística.

Podemos destacar também as discussões que foram debatidas ao longo do trabalho: no início tratamos de situar o leitor sobre do que trata essa pesquisa e os objetivos que delineamos para a sua construção. Em seguida trouxemos o nosso referencial teórico, que trabalhou a língua em seu aspecto social; a sociolinguística como uma área de pesquisa que visa estudar a língua em seu uso real sendo o ponto de partida para a construção de propostas pedagógicas que trabalhem um ensino mais próximo da realidade dos estudantes; também trouxemos a visão sobre do que se trata os estrangeirismos e seu processo de incorporação lexical na língua portuguesa.

Por fim, apresentamos a metodologia e as análises de dados, em que evidenciamos os tipos de estrangeirismo e seu uso na língua original e na língua estrangeira e sua construção de sentido ao ser colocada nas conversas da plataforma X. Notamos um maior nível de ocorrência entre anglicismos e uma menor entre coreanismos; a importação de palavras aconteceu em sua grande maioria de forma direta, mas com ampliação semântica. Também notamos que a maioria dos estrangeirismos importados são termos próprios da indústria da música e que não passaram por uma tradução direta, além daqueles que são pertencentes a organização social de um país.

Portanto, diante dessas descobertas, percebemos como as redes sociais podem ser ferramentas que contribuem com a importação de novas palavras, principalmente quando falamos de grupos identitários próprios da internet, como é o caso da música. As pessoas são influenciadas linguisticamente a medida em que elas interagem digitalmente. As redes sociais digitais estão facilitando o maior contato entre línguas, e no cenário em que vivemos atualmente, podemos notar como a língua inglesa e a sul coreana tem se destacado no campo da cultura pop.

Dessa forma, também podemos pensar sobre a preocupação das pessoas em relação a essa “invasão” que a língua portuguesa está passando. Devemos lembrar que os estrangeirismos não são algo novo da nossa língua, e nem de nenhuma outra. Esse processo de integração é natural para todas as línguas em contato. Isso não significa que a língua que falamos irá ser substituída por uma nova, até porque a maioria desses termos estrangeirismos deixarão de serem usados em algum momento ou se adaptaram a organização do léxico do português. O que precisamos aceitar é que a língua sendo dinâmica, heterogênea e multifacetada, irá passar por processos de mudanças, mas isso não significa que não conseguiremos acompanhar essa transformação pois, como bem pontua Faraco (2005), embora a língua mude, ela ainda irá oferecer os recursos necessários para a circulação de significados, ou seja, não perderemos a autonomia de saber usá-la.

Tendo evidenciado todo esse trabalho, podemos sugerir como continuidade para essa pesquisa a elaboração de um glossário digital de estrangeirismos utilizados nas comunidades relacionadas a música, organizado a partir dos termos exemplificados no *corpus* das análises feitas aqui, contemplando tanto anglicismos como coreanismos, ainda pouco descritos nos espaços relacionados a estrangeirismos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- ALVES, Ieda Maria, 1947. **Neologismo**: criação lexical. 3 ed. São Paulo. Ativa, 2007, 93p. - (princípios: 191)
- ALVES, Mariane Antero. Análise de neologismos por empréstimo no português brasileiro. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 31-50, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/30063>. Acesso em: 11 jul. 2026.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001- (Coleção leitura e crítica).
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4a ed. revista e aumentada. 7a reimpressão. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974 [1942], 333p.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CORREIA, Margarida; ALMEIDA, Gladis Maria Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Na ponta da língua; v. 12)
- FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geraldo de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão/SE, 2010. CESAD.
- GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. *In*: FARACO, Carlos Alberto (org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 15-36. (Na ponta da língua; 1).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed- São Paulo: Atlas, 2002.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: contexto, 2006. p. 151-196.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Adriana Soares. Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico] / Adriana Soares Pereira ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. 1 e-book.

PEREIRA, Leony Bruno de Souza. Estrangeirismo linguístico: adaptação fonética nos vocábulos que nomeiam as redes sociais. **Revista Fronteira Digital**, 1(06), 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/2879>. Acesso em: 15 jan. 2026.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura)

SILVA FILHO, Jurandir Barboza da. **Crenças e atitudes linguísticas sobre o uso de estrangeirismos manifestadas através de postagens de redes sociais**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33137>. Acesso em: 15 jan. 2026.

ZAGALLO, Cristiana Pontes Fernandes. **Língua Portuguesa e estrangeirismos: os anglicismos na rede social Instagram**. 2023. 81 f. Monografia (Pós-Graduação Especialização em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/39847/1/Cristiana%20Pontes%20Fernandes%20Zagallo%20-%20Monografia.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2026.